

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO  
CURSO DE RELAÇÕES PÚBLICAS

LUÍZA PAINES DOS SANTOS

**A PALAVRA COM B:**

a representação da bissexualidade feminina no seriado *The L Word* a  
partir de Alice Pieszecki

Porto Alegre

2024

LUÍZA PAINES DOS SANTOS

**A PALAVRA COM B:  
a representação da bissexualidade feminina no seriado "*The L  
Word*" a partir de Alice Pieszecki**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Faculdade de  
Biblioteconomia e Comunicação da  
Universidade Federal do Rio  
Grande do Sul como requisito  
parcial à obtenção do título de  
Bacharel em Relações Públicas.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Nísia  
Martins do Rosário.

Coorientadora: M.<sup>a</sup> Taís Severo  
Casagrande.

Porto Alegre

2024

LUÍZA PAINES DOS SANTOS

**A PALAVRA COM B:  
a representação da bissexualidade feminina no seriado "*The L  
Word*" a partir de Alice Pieszecki**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Faculdade de  
Biblioteconomia e Comunicação da  
Universidade Federal do Rio  
Grande do Sul como requisito  
parcial à obtenção do título de  
Bacharel em Relações Públicas.

BANCA EXAMINADORA:

---

Prof<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Elisangela Lasta - UFRGS  
Examinadora

---

Prof<sup>o</sup>. Dr. Jose Guibson Delgado Dantas - UFRGS  
Examinador

---

Prof<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Nísia Martins do Rosário - UFRGS  
Orientadora

---

M.<sup>a</sup> Taís Severo Casagrande - UFRGS  
Coorientadora

## AGRADECIMENTOS

Se hoje eu estou aqui, tenho primeiro a agradecer minha mãe. Gleicinha, ser tua filha é uma honra e uma alegria. Tu me ensinaste o significado de família, amor, luta, perseverança e justiça. De ti, recebi o maior presente, que é ser irmã da Caroline. De todo o amor que há em mim, metade vem de vocês. Nossa família se faz com amor, dedicação, lealdade e presença - seja ela como for. Teu amor incondicional foi o combustível e guia na busca de uma vida melhor pra nós. Essa pesquisa é um pedacinho da prova de que todo o teu trabalho teve resultado.

Obrigada também aos guias que me guardam e me levam em toda essa jornada terrena. O ditado diz que filho de Umbanda não cai, mas a certeza que eu tenho é que em vocês posso sempre me reerguer. Axé!

À mulher que caminha ao meu lado e é minha companheira de vida. Vick, te conhecer na primeira semana de trote da faculdade mudou radicalmente minha forma de experienciar o amor. Obrigada por sempre ver em mim a capacidade de ser maior, por me incentivar a crescer e estar ao meu lado até quando tudo sai do nosso planejamento. Obrigada por todas as músicas inventadas, as danças no meio da sala e as conversas intermináveis dos nossos planos para o futuro. Se tempo é tudo que nós temos, eu agradeço todos os hojes em que te amo e construímos juntas a nossa família.

Se hoje eu faço uma pesquisa que fala sobre, dentre outras coisas, o pertencimento à comunidade *queer*, é por vivenciar a importância dessa na minha vida. De dias e noites rindo, chorando e fofocando, agradeço às que ouviram incansavelmente sobre fazer um TCC, seguraram meus surtos e incentivaram meu sucesso. Nossas vivências enquanto mulheres sáficas nos conectam, mas são os maiores absurdos ditos em uma mesa de bar, ou onde quer que a gente esteja, que nos faz ser nós. Em especial à Carol Annes que em um belo dia de 2017, virou para mim e perguntou: “já pensou em fazer Relações Públicas? Acho que tu ia gostar”, depois de sete (7!) anos, posso dizer que tu tinhas razão.

Estudar na UFRGS foi um sonho realizado. Ter a oportunidade de aprender com professores que são referência não apenas na Comunicação, mas de pessoas que buscam contribuir com a nossa sociedade. Com a ajuda de vocês encontrei a paixão pela pesquisa. Agradeço especialmente à minha orientadora, Nísia, por ter acreditado e incentivado a busca pelas questões da minha pesquisa. E à minha coorientadora Taís, com a qual tive a primeira aula de teorias *queer* na Universidade e agora fechamos esse ciclo juntas. Você não apenas abriu a primeira portinha do “eu posso estudar isso”, mas segurou minha mão ao longo de toda jornada deste trabalho, acreditando em mim e me ajudando a organizar meus pensamentos ao longo de incansáveis madrugadas.

E por fim, obrigada a Luíza do passado que apesar de, às vezes, muito querer, nunca desistir. Queria poder voltar no tempo e te falar que tudo pelo que passamos foi apenas gasolina e potência. A vida nunca mais será apenas sobreviver.

*“Toda vez que alguém diz em voz alta que é  
bissexual, ou gay, ou lésbica, ou qualquer  
outra identidade não heterossexual, essa  
pessoa está ajudando a dar voz àqueles que  
não podem ter uma.”  
(Julia Shaw, 2023).*

À minha irmã, Caroline (*in memoriam*), a maior apoiadora na minha saída do armário bissexual.

## RESUMO

Este estudo tem como problema de pesquisa compreender como é feita a representação da bissexualidade feminina no seriado *The L Word*. O objetivo geral é investigar a forma como a narrativa da bissexualidade no seriado *The L Word* é construída através da personagem de Alice Pieszecki. A discussão teórica aborda o panorama acerca da bissexualidade enquanto sexualidade e identidade, bem como as ramificações do apagamento epistemológico da bissexualidade e os seus efeitos na perspectiva social e comunicacional de uma forma ampla; e evidencia como a crescente visibilidade de personagens LGBTQIAP+ nas mídias audiovisuais ainda não é capaz de traduzir, em sua representação, tamanha diversidade presente nessa comunidade sem que reproduzam estereótipos negativos. Apoiado ainda nas teorias *queer*, com Louro (2001, 2014) e Garber (1995), e as epistemologias bissexuais, com Angelides (2006, 2001) e Monaco (2021), como contraponto no diálogo com essa hegemonia. Quanto às estratégias metodológicas, a pesquisa é qualitativa (Flick, 2009) e conta com a técnica de pesquisa bibliográfica (Stumpf, 2005) na etapa teórica. Quanto à etapa empírica, foi utilizada a análise de imagem em movimento (Rose, 2008) e análise de filmes de Denzin (2004, *apud* Flick, 2009). Os resultados apontam que Alice, personagem que foge dos estereótipos negativos e se apresenta como uma bissexual assumida e orgulhosa, carrega traços de uma bissexualidade que é invisibilizada social e academicamente; e apesar de ser uma personagem ativa e atraente dentro da narrativa, parece perder-se em meio às suas contradições – tanto vítima como agente de discriminação dupla.

**Palavras-chave:** Representação; Bissexualidade; Identidade; Sexualidade; *The L Word*.



## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> - Alice Pieszcecki.....	44
<b>Figura 2</b> - <i>The Chart</i> .....	46
<b>Figura 3</b> - Helena, Shane e Alice.....	47
<b>Figura 4</b> - Alice e Dana.....	49
<b>Figura 5</b> - Tina e Alice, <i>The Chart</i> .....	51
<b>Figura 6</b> - Tina e Alice, banheiro.....	52
<b>Figura 7</b> - Alice no Centro para Gays e Lésbicas de Los Angeles.....	55
<b>Figura 8</b> - Alice na festa de Tina.....	57
<b>Figura 9 e 10</b> - Alice apagando o <i>Chart</i> de sua parede.....	59
<b>Figura 11</b> - Alice em episódio especial de seu <i>podcast</i> .....	59
<b>Figura 12</b> - Alice e Tasha.....	60
<b>Figura 13</b> - Alice no quartel.....	61
<b>Figura 14</b> - <i>OurChart.com</i> .....	62
<b>Figura 15</b> - Beijo entre Alice e Tasha.....	62
<b>Figura 16</b> - Dana e Alice no <i>The Planet</i> .....	66
<b>Figura 17</b> - Dana questiona Alice.....	66
<b>Figura 18</b> - Dana, Tonya e Alice na <i>sexshop</i> .....	68
<b>Figura 19</b> - Dana e Alice no hospital.....	69
<b>Figura 20</b> - Alice e Tina no <i>The Planet</i> .....	71
<b>Figura 21</b> - Helena, Jenny, Bette, Carmen e Alice.....	71
<b>Figura 22</b> - Alice sugere bissexualidade de Tina.....	73
<b>Figura 23</b> - Tina se autoidentifica lésbica.....	73
<b>Figura 24</b> - Alice e Papi.....	75
<b>Figura 25</b> - Alice, Bette e Helena.....	78

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2. INVISI(BI)LIDADE.....</b>	<b>16</b>
2.1 Bissexualidade na telinha.....	20
<b>3. (BI)SEXUALIDADE E TEORIAS QUEER.....</b>	<b>30</b>
3.1 As teorias queer: contextualização.....	30
3.2 Teorias queer e epistemologias bissexuais.....	33
<b>4. METODOLOGIAS.....</b>	<b>38</b>
4.1 Pesquisa bibliográfica.....	38
4.2 Análise de imagem em movimento.....	39
<b>5. THE B WORD.....</b>	<b>42</b>
5.1 I'm a bissexual.....	45
5.2 Alice in Lesboland.....	47
5.2.1 O relacionamento com Dana.....	48
5.2.2 A relação com Tina.....	50
5.3 It's a political identity.....	51
5.4 Our Chart.....	64
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>81</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>85</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Para a construção da presente pesquisa, foi definido como objeto de estudo a análise da representação e construção do discurso a respeito da bissexualidade feminina no seriado *The L Word*. A sinopse da série, lançada em 2004, a descreve como sendo as histórias de vida e amores de um grupo de mulheres lésbicas e suas vivências na cidade de Los Angeles, Estados Unidos. A personagem principal, Jenny, passa a questionar sua sexualidade ao adentrar o universo sáfico<sup>1</sup> através de suas vizinhas, o casal Bette e Tina. Nesse universo, somos apresentados inicialmente para as amigas do casal: Dana, Alice e Shane, compondo então o núcleo inicial principal da série.

Aos 15 anos, quando assisti à série pela primeira vez, estava em completo êxtase por, enfim, encontrar representações de mulheres que, assim como eu, também tinham sentimentos românticos por outras mulheres. A personagem de Alice, uma mulher abertamente bissexual, que diferentes de outras personagens bi das telinhas, se relacionava majoritariamente com mulheres, causou identificação instantânea. Porém, os discursos bifóbicos<sup>2</sup> – que só fui capaz de compreender ao reassistir a série já com meus 20 e poucos anos – combinados à uma educação em escolas religiosas, o sentimento de inadequação, vergonha e incômodo que emergiam junto às tantas questões tão sensíveis (e repletas de hormônios adolescentes) durante a construção da minha própria identidade, foram de encontro ao comportamento bissexual que eu tentava com todas as minhas forças suprimir; e assim o fiz durante muitos anos. Os mesmos discursos bifóbicos que chegaram até mim naquele momento também atingiram e atingem muitas meninas e mulheres que estão passando pelo processo de compreensão de sua sexualidade.

Ao assistir novamente a série, passei a compreender que as narrativas envolvendo a personagem bissexual, Alice Pieszecki e, até mesmo o comportamento bissexual apresentado por outras personagens, colocam as

---

<sup>1</sup> Sáfico é um termo guarda-chuva para se referir a mulheres que se relacionam com outras mulheres, independente da sua orientação sexual.

<sup>2</sup> Preconceitos, hostilidade e estigmatização da parte de pessoas que se identificam como heterossexuais e da parte de pessoas que se identificam como homossexuais.

mulheres bissexuais como indecisas ou que estão passando por uma fase. Para contexto, é importante citar que Ilene Chaiken, escritora e produtora da série, que se identifica como lésbica<sup>3</sup>, tentou por três vezes, sem sucesso, dar vida ao seriado, conforme explorado no capítulo cinco. Quando colocamos a série em uma perspectiva histórica, a percebemos enquanto um produto audiovisual que hoje tem 20 anos, o primeiro grande seriado estadunidense a retratar as histórias de mulheres sáficas. Dessa forma, entendemos que se tratava de um momento onde havia um tabu ainda maior em relação aos direitos civis de pessoas *queer*<sup>4</sup>. E até mesmo uma série que se propõe a retratar histórias de pessoas sáficas ainda é passível de reproduzir algum tipo de apagamento e demais preconceitos a respeito da bissexualidade.

A realidade que Chaiken enfrentou para colocar *The L Word* nas telas de TV felizmente vem mudando nos últimos anos. Conforme o GLAAD<sup>5</sup>, entre 2023 e 2024 foi possível mapear 64 personagens pertencentes à comunidade LGBTQIAP+<sup>6</sup> em séries apresentadas no horário nobre nos Estados Unidos. Esse número é o menor apresentado desde 2019, enquanto o pico foi em 2022 com 141 personagens LGBTQIAP+. Apenas lendo esses dados e comparando-os com o momento de lançamento de *The L Word* em 2004, podemos imaginar que, com isso, a narrativa acerca da bissexualidade também tenha evoluído.

Porém, na construção do estado da arte da presente pesquisa, encontrei pesquisas como as de Silveira (2019) – que realizou análise da representação midiática da bissexualidade feminina no seriado *Orange Is The New Black* – e o artigo de Kurtz e Thomas (2021) – onde as autoras buscaram entender como a bissexualidade feminina foi representada na série televisiva *Glee*. As três pesquisadoras chegaram a resultados muito similares.

---

<sup>3</sup> Chaiken's Ultimate Guide. **Power-Up**, 07 nov. 2007. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20071105100457/http://www.power-up.net/chaiken.html#>. Acesso em: 09 ago. 2024.

<sup>4</sup> Termo guarda-chuva para se referir a minorias sexuais e de gênero compreendidas dentro da comunidade LGBTQIAP+.

<sup>5</sup> Organização sem fins lucrativos focada na defesa e mudança cultural em relação a comunidade LGBTQIAP+, buscando garantir representação justa, precisa e inclusiva na mídia.

<sup>6</sup> LGBTQIAP+ é a sigla que abrange pessoas que são Lésbicas, Gays, Bi, Trans, Queer, Intersexo, Assexuais e Panssexuais. O + representa as demais identidades de gênero e sexualidade não heterossexuais dentro da comunidade.

No primeiro, o resultado da análise demonstrou uma representação baseada em estereótipos sobre a bissexualidade, contribuindo no seu processo de deslegitimação e invisibilização, além da manutenção de binarismos e de ideias hegemônicas sobre gênero e sexualidade. Enquanto o segundo chegou à conclusão de que *Glee* abusa dos estereótipos negativos relacionados à bissexualidade feminina, como indecisão, promiscuidade e infidelidade, apesar de ser uma série conhecida pela sua diversidade e representação positiva da comunidade LGBTQIAP+.

Shaw (2023), faz uma breve análise de capas de revistas, como a *Newsweek*, entre os anos 70 e 90 e afirma que é possível ver o lugar da bissexualidade ser reforçado enquanto uma tendência, algo novo a ser visto como uma carta coringa ou fase. Essa falta de pertencimento de pessoas bissexuais no “mundo heterossexual”, mas também em ambientes *queer*, faz com que pessoas bissexuais sejam sacrificadas socialmente dentro da comunidade *queer* e fora dela (Shaw, 2023). Esse incômodo, especialmente com o não pertencimento na comunidade *queer*, dá luz a essa pesquisa.

Enquanto comunicadora, mas, antes disso, mulher bissexual, ao visualizar esse cenário, considerando a série um produto comunicacional combinado com o papel da mídia na criação de identidade – especialmente por uma comunidade sáfica que pede por mais representatividade –, acredito que é importante que não deixemos de lado o olhar crítico ao nosso passado. Assim possibilitamos corrigir discursos que podem ferir comunidades marginalizadas. Entendo que estando no local que ocupo dentro de uma Universidade Federal, é possível unir essas percepções e traduzi-las no espaço de pesquisa, buscando compreender como é feita a representação da bissexualidade feminina na mídia audiovisual e como se constroem essas narrativas de pessoas bissexuais. Auxiliando a dar luz a um caminho para que, cada vez mais, desconstrua preconceitos enraizados no imaginário da nossa sociedade e são reforçados através de representações nas mídias.

Esse cenário me trouxe ao questionamento: será que temos mesmo um avanço na construção de discurso midiático nesses anos em que a pauta LGBTQIAP+ vem recebendo maior atenção na mídia? Ou estaria esse “avanço” reservado apenas para homossexualidade, que conserva os

princípios binários definidos como aceitáveis dentro da sociedade? Considerando a relevância da série para a identificação e compreensão da sexualidade de meninas e mulheres que a assistiram e ainda irão assistir, surge o problema: como é feita a representação da bissexualidade feminina no seriado *The L Word*?

Para realizar essa análise, foi primeiro necessário identificar quais as personagens principais são identificadas como bissexuais na série e, a partir de então, realizar uma seleção para explorar: como a bissexualidade feminina é retratada? Quais relações são construídas a partir do personagem selecionado? Como a personagem está inserida na comunidade *queer*? E demais perguntas que poderão ser feitas e respondidas a partir da questão problema, do referencial teórico e da análise das seis temporadas.

Com essas perguntas como guia, tenho como objetivo geral investigar a forma como a narrativa da bissexualidade feminina no seriado *The L Word* é construída através da personagem de Alice Pieszecki. E como objetivos específicos, evidenciar as cenas do seriado nas quais a sexualidade dessa personagem é marcada tanto direta quanto indiretamente; ressaltar as articulações de discriminação dupla dentro da série; e tensionar a construção da narrativa de Alice e os limites das discussões das teorias *queer* e das epistemologias bissexuais na série.

A presente pesquisa se estrutura de modo que, ao longo do segundo capítulo, é apresentada a contextualização e construção da bissexualidade como sexualidade, as ramificações do apagamento epistemológico da bissexualidade e, de forma mais ampla, os seus efeitos na perspectiva social e comunicacional. Ao longo do capítulo, também argumento a respeito da crescente visibilidade de personagens LGBTQIAP+ em séries de televisão e como isso se traduz em investimento financeiro, ao passo que produções feitas por pessoas *queer*, com a premissa de serem inclusivas, ainda marginalizam outras minorias – à exemplo de *The L Word*. No terceiro capítulo, trago a perspectiva das teorias *queer* e das epistemologias bissexuais a respeito da bissexualidade. A partir dessa abordagem, usando as metodologias de pesquisa bibliográfica e análise de imagem em movimento, no quinto capítulo, discorro a parte empírica da pesquisa onde

serão analisadas as seis temporadas de *The L Word*, a fim de desenvolver os conceitos de invisibilidade e apagamento bissexual, bifobia dentro da comunidade *queer*, e os estereótipos reforçados através da mídia audiovisual.

## 2. INVISI(BI)LIDADE

Na presente pesquisa, considero bissexualidade como a atração romântica e/ou física por pessoas de múltiplos gêneros, independente da maneira ou grau apresentados ao longo da vida, reforçando a inclusão de pessoas trans e não binárias. Trata-se, portanto, de uma sexualidade própria e específica. Para além disso, é importante retomar historicamente a utilização do termo e a sua construção, pois sem a compreensão da sua história, não há como compreender profundamente os dilemas e obstáculos da bissexualidade.

Em 1869, através de um panfleto anônimo que posteriormente foi estabelecido ser de autoria de Karl-Maria Kertbeny<sup>7</sup>, médico e ativista dos direitos *gays*, foi cunhado o termo “homossexual” – e, mais tarde, o seu subproduto “heterossexual”. Depois disso, passou a ser utilizado também o termo “bissexual” para se referir a pessoas com desejos tanto homossexuais quanto heterossexuais. O termo bissexual tem origem na etimologia de Kertbeny, que traz do grego *heteros* e *homos*, significando respectivamente *mesmo* e *outro*; enquanto bissexual significa, portanto, dois. Não de homens e mulheres, mas de *mesmo* e *outro*. Segundo Shaw (2023), podemos considerar que o primeiro uso da palavra bissexual, no sentido de se referir a uma pessoa sexualmente atraída por pessoas de múltiplos gêneros, ocorreu no livro *Psychopathia Sexualis*, do pesquisador alemão Richard von Krafft-Ebing – traduzido para o inglês em 1892 pelo neurologista estadunidense Charles Gilbert Chaddock - onde ele descreve o que considera se tratar de transtornos sexuais em prisioneiros homens.

Podemos buscar registros do comportamento ou das práticas bissexuais<sup>8</sup> desde a Idade da Pedra, passando pela história do Japão, Grécia e Roma antigos:

O mundo pagão considerava relações sexuais entre homens uma parte integral de uma sexualidade que não só não descartava

---

<sup>7</sup> HERZER, Michael. **Kertbeny and the nameless love**. *Journal of Homosexuality*, New York, v. 12, n. 1, p. 1–26, 1986. Disponível em: [https://doi.org/10.1300/J082v12n01\\_01](https://doi.org/10.1300/J082v12n01_01). Acesso em: 20 jul. 2024.

<sup>8</sup> Distinção importante, pois as concepções de sexualidade nas sociedades passadas eram muito diferentes do que vemos hoje enquanto identidade.



relacionamentos com mulheres, mas os considerava necessários e respeitáveis (assim como desejáveis) (Cantarella, 1992, *apud* Shaw, 2023, p. 44).

O uso do termo bissexual para se referir a uma sexualidade, porém, só passa a ser realizado no fim dos anos 1960, pois até então não era considerado nem um ato ou uma identidade palpável (Angelides, 2006). Storr (1999) propõe que a bissexualidade como identidade ocorre sobretudo devido ao ativismo político do movimento *gay* e lésbico; além da campanha de remoção da homossexualidade enquanto uma patologia do *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* (DSM) que aconteceu no início dos anos 1970 e teve sucesso em 1973. Esse período também foi marcado por outras demandas de direitos civis, como os movimentos de igualdade racial e de gênero, de forma que passou a ser necessária uma resposta à crise que surgiu às portas da heteronormatividade imposta por homens brancos. Nessa busca por conter e codificar desvios de comportamento sexual, foi então individualizada essa sexualidade, e transformada em uma categoria para a compreensão da identificação dos indivíduos que passam então a ser divididos enquanto homossexuais, bissexuais ou heterossexuais. Tais categorias se pretendem exclusivas entre si; ou seja, quem é um não pode ser o outro, e um não pode existir sem o outro, mesmo que seja para negá-lo, pois dessas delimitações surgem suas definições.

A bissexualidade, porém, desafiava, e ainda desafia, tanto a psiquiatria quanto a patologização da homossexualidade, questionando a divisão entre masculino e feminino, introduzindo incerteza nas classificações hétero e homossexual. De acordo com Angelides (2001), esta é uma chave central para a construção das categorias binárias de sexo e gênero, e um elemento epistemológico central em diversos discursos mesmo que a ela sempre tenha sido negada o tempo presente: o autor argumenta que a bissexualidade seria vista em uma perspectiva evolucionista, colocada em uma etapa anterior a um processo evolutivo, seja ele biológico ou psíquico, ou ainda em um futuro utópico.

Determinados a reordenar as hierarquias sociais dominantes, os cientistas explicaram os desvios do ser e do comportamento normativos em termos de uma hetero-escala teleológica do desenvolvimento evolutivo. Negros, homossexuais, crianças e

mulheres situavam-se em pontos mais baixos nesta escala do que os homens heterossexuais brancos, incapazes (ou ainda não capazes) de alcançar os níveis mais elevados do estágio da evolução do (humano) homem. A categoria da bissexualidade desempenhou um papel central neste modelo linear e, portanto, na configuração epistemológica da categoria de sexualidade (Angelides, 2006, p. 130)<sup>9</sup>.

Esse cenário nos ajuda a entender as lacunas acadêmicas para qual a bissexualidade é empurrada. Helena Monaco (2021) reflete sobre o ineditismo das pesquisas sobre bissexualidade como um sintoma desse apagamento e invisibilidade, de modo que, apesar de termos mais de três décadas de estudos sobre o assunto, permanece a ideia equivocada de que essas pesquisas não estão sendo feitas – quando na verdade é importante questionar porque não estão sendo traduzidos, publicados e divulgados esses conteúdos. Abordarei esse fator ao longo do terceiro capítulo, com apoio das teorias *queer*.

Apesar de encoberta, a bissexualidade encontrou destaque em países como a Holanda. O Centro da Cultura e do Lazer, fundado em 1946, alimentado por um ativismo pós-guerra, e em atuação na luta por pessoas *queer* ao redor do mundo, em seus primeiros anos já apresentava a bissexualidade como uma variação normal da sexualidade, bem como a homossexualidade. Isso não impediu que alguns ativistas *queer* acusassem pessoas bissexuais de se misturarem em espaços tanto homossexuais quanto heterossexuais. Shaw (2023) aponta que Samuel Lawton, pesquisador bissexual, usou o termo “camuflagem sexual” para explicar a acusação que ativistas *queers* faziam às pessoas bissexuais, especialmente as que estavam em casamentos com pessoas do gênero oposto. Essa camuflagem, porém, partiria do pressuposto de que pessoas bissexuais podem escolher viver ou não “vidas heterossexuais”. Tal suposição não apenas ignora a bissexualidade enquanto uma identidade própria, como também pressupõe

---

<sup>9</sup> “Determined to reorder dominant social hierarchies, scientists explained deviations of normative being and behavior in terms of a hetero-teleological scale of evolutionary development. Blacks, homosexuals, children, and women were situated at lower points on this scale than white heterosexual men, not able (or not yet able) to reach the highest stage of (hu)man evolution. The category of bissexuality played a central role in this linear model, and thus in the epistemological configuration of the category of sexuality.”

que pessoas bissexuais poderiam viver em harmonia em ambientes hostis para a comunidade *queer*.

O movimento de exclusão que aconteceu nos espaços *queer* não foi limitado à acusação às pessoas bissexuais de utilizarem uma estratégia política para tirarem vantagem de suas sexualidades. Especialmente a partir dos anos 70, como aponta Rhodes (2020), muitas frentes ativistas pautavam sua política na divisão binária entre *gay* e hétero. Nesse sentido, pessoas bissexuais, por se relacionarem com o gênero diferente do seu, eram vistas como figuras regressivas.

Vimos que a bissexualidade é frequentemente entendida como um espaço de fronteira ou linha divisória que separa os limites das categorias estabelecidas de sexualidade – isto é, heterossexualidade e homossexualidade. Entretanto, esse lugar ambíguo se torna um perigo simbólico para as outras categorias. Tendo seu espaço próprio negado, a bissexualidade penetra os demais domínios. Assim, qualquer espaço pode ser bissexual, embora nenhum o seja por completo – e justamente por isso (Monaco, 2021, p. 102).

Monaco (2021) nos faz refletir sobre como a bissexualidade é vista como uma intrusa, tanto dentro da heterossexualidade quanto da homossexualidade. Nesse sentido, é importante ressaltar que pessoas homossexuais, tanto lésbicas quanto *gays*, não possuem o poder estrutural para oprimir pessoas bissexuais – e vice-versa –, diferente do que acontece com pessoas cis-heterossexuais que o fazem através de uma estrutura hegemônica que busca suprimir o que considera um desvio. No entanto, é sabido que pessoas da comunidade *queer* podem perpetuar o ódio, a desinformação e o estigma bifóbico. Nos anos 80, a trágica epidemia da AIDS<sup>10</sup> causou um golpe devastador na comunidade *queer*: nesse contexto, homens bissexuais foram estigmatizados enquanto vetores da AIDS, e intrusos da homossexualidade dentro da heterossexualidade. Ao mesmo tempo, mulheres bissexuais eram excluídas de movimentos feministas sob a desculpa de estarem dormindo com o inimigo – os homens.

A bissexualidade não está completamente fora das sombras e devemos estar conscientes do padrão histórico que indica um “vai e

---

<sup>10</sup> A Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (Aids) ocorre em estágios mais avançados da infecção pelo Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV).

vem" da bissexualidade como um foco da empreitada acadêmica e do interesse social (Shaw, 2023, p. 64).

Frente a esses cenários acadêmicos e sociais, encontramos pistas que levam, até hoje, pessoas bissexuais a se sentirem intrusas em espaços *queer*; e a forma da bifobia encontrou caminho nas telas da cultura e da mídia, em especial através de criadores de conteúdo que se identificam como pessoas heterossexuais ou homossexuais.

## 2.1 Bissexualidade na telinha

Para melhor compreensão do presente tópico, é importante contextualizar a representatividade LGBTQIAP+ no que tange aos meios de comunicação de massa.

Hollywood, grande criadora de mitos, ensinou aos heterossexuais o que pensar sobre os homossexuais e aos homossexuais o que deviam pensar sobre si mesmos. Ninguém escapou dessa influência, argumenta, de forma taxativa, o documentário *Outro lado de Hollywood* (1995) (Filho, 2005, p. 20).

Essa perspectiva da influência de Hollywood no que tange o ensinar a pensar pode ser conectada com a criação de estereótipos no imaginário da sociedade. Pereira (2010) argumenta que *estereótipo* é um conjunto de pressupostos, ou ideias pré-concebidas, que se formam sobre como uma determinada categoria deveria ser, parecer e se comportar. No audiovisual, a comunidade *queer* já passou por múltiplas formas de representação, especialmente através de estereótipos negativos, onde era comum o uso de termos como “viado” para se referir a homens *gays*, “sapatão” para se referir a mulheres lésbicas e “traveco” para se referir a pessoas transsexuais. Felizmente, as imagens caricatas das pessoas *queer* vêm perdendo força nas mídias, ao passo que os avanços tecnológicos abrem espaço para se criar laços ainda mais fortes e de influência em comunidades marginalizadas, que usam desse espaço para dar voz às suas necessidades e direitos. Pereira (2010) ressalta esse impacto na figura da mulher dentro de uma sociedade machista, e argumenta que, com a formação de grupos feministas nas redes sociais, foi possível perceber que parte da sociedade vem se tornando mais

sensível aos temas relacionados aos direitos humanos — refletindo, inclusive, na forma como a figura da mulher é retratada na publicidade.

Nos anos 1940, as instituições que defendiam os direitos civis de pessoas da comunidade LGBTQIAP+ precisavam agir de forma discreta, e organizações como a Administração do Código de Produção, órgão responsável por aprovar os filmes americanos antes do lançamento, ordenou contra implicações de qualquer temática *queer*, chamando-as de “perversão sexual” (Shaw, 2023). Hoje em dia, porém, nas redes sociais, já é possível perceber as novas gerações demandando conteúdos que representem a pluralidade sexual e de gênero.

Em matéria da Folha de São Paulo<sup>11</sup>, Ryan White, diretor e produtor de TV, declara que, apesar de ter um longo caminho pela frente, o *streaming* foi essencial para o crescimento da representatividade LGBTQIAP+ na nas séries. Já Monica Trasandes, diretora de Mídia Latinx e Representação em Língua Espanhola do GLAAD argumenta que, todos os dias, várias famílias descobrem ter parentes e amigos partes da comunidade LGBTQIAP+ — e a diversidade na representação audiovisual auxilia nessa compreensão. Tais afirmações vão ao encontro com o conceito de relação parassocial, concebido pelos sociólogos Donald Horton e Richard Wohl em 1956:

Uma das características da nova mídia de massa - rádio, televisão e os filmes – é que ela dá a ilusão de um relacionamento frente a frente com o artista. As condições de resposta ao artista são análogas àquelas em um grupo primário. Os homens mais remotos e ilustres são encontrados como se eles estivessem no seu círculo de pares; isso também é verdadeiro no caso de um personagem em uma história que ganha vida nessas mídias de um modo especialmente realista e impressionante. Propomos chamar esse relacionamento aparentemente frente a frente entre espectador e artista de uma relação parassocial (Horton; Wohl, 1956, *apud* Shaw, 2023, p. 148).

As redes sociais reforçam essa visibilidade através da atuação de, por exemplo, influenciadores digitais. Pessoas cujas vidas podemos acompanhar diariamente, com grande detalhe e até mesmo ter conversas em tempo real,

---

<sup>11</sup> SANCHEZ, Leonardo. Onda de personagens LGBT na TV reflete poder de nova geração de espectadores. *Folha de S.Paulo*, 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2020/06/pressao-por-mais-diversidade-escancara-cho-que-geracional-entre-autores-e-publico-na-tv.shtml>. Acesso em: 18 jul. 2024.

como acontece na plataforma de *stream Twitch*<sup>12</sup>. Essa aproximação faz com que as pessoas percebam esse influenciador como um amigo, sendo influenciadas por seus pensamentos e comportamentos – vindo daí o investimento crescente por parte das marcas nesse formato de comunicação.

Edward Schiappa *et al.* (2005) argumentam que o conceito de relações parassociais poderia ainda se estender à nossa percepção da sexualidade. Através de três estudos que propuseram aos participantes a responder questionários antes e depois de assistir seriados com personagens *gays*, os pesquisadores descobriram que o preconceito dos participantes diminuiu. Para Shaw (2023), há necessidade de maior diversidade em personagens no audiovisual especialmente para pessoas que não têm relacionamentos interpessoais com indivíduos abertamente *queer*, pois há uma relação positiva entre a exposição desses personagens e o endosso da igualdade sexual e de gênero. “Todos nós queremos ver pessoas com as quais podemos nos identificar, e criadores de conteúdo podem nos ajudar a nos identificar com todos os tipos de pessoas” (Shaw, 2023, p. 153). A autora ainda atenta para o cuidado com as representações, pois elas nem sempre são positivas e as relações parassociais também poderiam levar à desilusão e ao ódio.

A falta de modos reconhecíveis para sinalizar a bissexualidade se traduz em problemas tentando criar personagens bi visíveis na tela, mas isso não é intransponível. E quando criamos diálogo, ou olhares, ou relacionamentos explícitos que indicam a bissexualidade, podemos criar personagens relacionáveis que criam relacionamentos “parassociais” e rompem estereótipos negativos sobre bissexualidade (Shaw, 2023, p. 147).

Diante deste cenário, é possível entender a necessidade de ter pessoas *queer* falando sobre a própria comunidade, pois além de possibilitar a fuga das representações estereotipadas ou destrutivas, ser uma pessoa abertamente *queer* pode impactar amigos e familiares heterossexuais a também operar na desestigmatização e na igualdade de direitos civis. Isso, porém, não costuma se traduzir na representação de pessoas bissexuais, que comumente vivenciam a discriminação dupla - seja ela feita por membros da

---

<sup>12</sup> Twitch é um serviço interativo de transmissão ao vivo para conteúdo que abrange jogos, entretenimento, esportes, música e muito mais.

comunidade homossexual ou heterossexual. De fato, a representação de pessoas bissexuais no audiovisual vem sendo marcada por personagens como Piper Chapman, em *Orange Is The New Black* (2013). Apesar de ter sua sexualidade explicitada desde o primeiro episódio e, no décimo episódio da primeira temporada ter a fala: “Eu gosto de garotas gostosas. Eu gosto de caras gostosos. Eu gosto de gente gostosa, o que posso fazer? Sou superficial”, a série só traz a palavra “bissexual” duas vezes durante todos os episódios (Silveira, 2019, p. 14). Ou ainda Villanelle, em *Killing Eve* (2018), uma serial killer psicologicamente perturbada. Apesar de quebrarem com as normas da sexualidade e da sociedade, tais personagens são retratadas como mulheres egoístas, manipuladoras e até mesmo criminosas, que estão dispostas a fazer sexo com pessoas de qualquer gênero por prazer ou manipulação.

Shaw (2023) aponta que, comumente, as mulheres bissexuais são apresentadas como *femme fatale* — uma fantasia perfeita de como se devem comportar bissexualmente: predominantemente interessadas por homens, feitas para o benefício do olhar masculino, mas disponíveis para qualquer pessoa e potencialmente perigosas. Sob essa perspectiva, e em conjunto com o conceito de relações parassociais, é reforçado como pessoas bissexuais serão sempre promíscuas, indecisas e não confiáveis. Podemos ver esse conceito aplicado em personagens como Jennifer Check, no filme *Garota Infernal* (2009); e Catherine Tramell, no filme *Instinto Selvagem* (1992).

Essa construção também pode ser apontada como causa para a violência. Shaw (2023) aponta a Pesquisa Nacional sobre Violência Íntima Entre Parceiros do Centro do Controle de Doenças, de 2010, em que 61% das mulheres bissexuais respondentes afirmaram terem sofrido algum tipo de violência física e/ou sexual em algum momento da vida.

Por meio dessa hipersexualização, a identidade bissexual de uma mulher se torna um veículo por meio do qual ela é desumanizada e ter interferências sexuais negadas, é diminuída a uma alegoria no repertório de fantasias do homem hétero e, conseqüentemente, é abrigada na psique do homem hétero como um objeto sexual constantemente disposto (Johnson; Grove, 2017, *apud* Shaw, 2023, p. 123).

Discutir academicamente o potencial da mídia para mudar as percepções da bissexualidade, e dar maior e melhor visibilidade para desestigmatizar pessoas bissexuais, fortalece as comunidades e as pautas *queer*. Vivenciar discriminação dupla, ter sua sexualidade caracterizada como modismo, como artifício para chamar atenção, ou até mesmo quantificando se você namorou o “suficiente” de pessoas do mesmo gênero e também do gênero oposto, nos auxilia a compreender porque pessoas bi têm menos da metade da probabilidade de se assumir do que pessoas *gays* ou lésbicas (Shaw, 2023). E mesmo escolhendo não sair do armário, ainda permanece o risco de ser rotulado erroneamente a partir do gênero da pessoa com a qual está se relacionando no momento.

Acredito ser importante pontuar que o sentimento de inadequação sentido por pessoas bissexuais dentro de espaços LGBTQIAP+, ao longo da história, fez com que a comunidade bissexual criasse espaços próprios, com redes de pesquisa e eventos como a BiCon ou a Parada Bi. Porém, argumento que pessoas bissexuais não devem estar condicionadas a espaços exclusivos. Enquanto pessoa bissexual, entendo que pertencer à comunidade *queer* é o que nos faz abraçar nossa identidade. É nela que encontramos um espaço mais seguro contra a discriminação sexual. Ver a sua comunidade reproduzindo discursos estereotipados e bifóbicos, tanto na mídia quanto fora dela, não apenas priva o indivíduo dessa comunidade, como também contribui para a bifobia internalizada – o que leva a um maior estresse psicológico (Shaw, 2023). Sabendo que as questões de saúde mental afetam desproporcionalmente mais as pessoas que fazem parte de alguma minoria sexual, é preciso considerar que estar no armário bissexual pode ter consequências devastadoras.

Indivíduos bissexuais têm um risco comparativamente mais alto de problemas de saúde mental como pensamentos suicidas, sintomas depressivos e outros transtornos de humor e ansiedade (la Roi, 2019, *apud* Shaw, 2023, p. 112).

Däumer (1992), em relação com as teorias *queer* – que serão vistas no terceiro capítulo –, aponta como uma identidade coletiva bissexual, dentro de comunidades de apoio bissexuais, pode beneficiar o bem estar psicológico



desses indivíduos. Shaw (2023) discorre sobre os motivos porque isso acontece, sendo eles fatores citados ao longo da presente pesquisa: discriminação dupla, menor probabilidade de sair do armário, falta de pertencimento à comunidade *queer* e bifobia internalizada.

Ainda temos um longo caminho a percorrer até que as pessoas bissexuais ao redor do mundo possam viver livres e com segurança. Até mesmo em lugares onde o comportamento bissexual é legal, outras ferramentas de opressão, incluindo o estigma e o isolamento, levam a taxas mais altas de consequências negativas para a saúde dos bissexuais (Shaw, 2023, p. 230).

Amplificar essas problemáticas no âmbito comunicacional auxilia a ampliar as vozes dessa comunidade, afinal “os meios de comunicação social podem ser também excelentes instrumentos para as ‘vozes minoritárias’, permitindo a difusão de representações polêmicas e contribuindo assim para a mudança social” (Cabecinhas; Évora, 2008, p. 2686). É importante que não apenas áreas como a psicologia e a sociologia reflitam sobre o seu papel na saúde mental de pessoas bissexuais, mas também que exerçamos, enquanto comunicadores, o pensamento crítico sobre a desmistificação da bissexualidade diante do público em geral, contribuindo com essa equação.

Nesse sentido, formulo abaixo um quadro com séries disponíveis em programas de *streaming* atuais<sup>13</sup>. Ela representa um recorte parcial e incompleto, tendo em vista que selecionei apenas as que já assisti – antes e durante a realização da presente pesquisa. Além disso, escolhi, preferencialmente, séries que apresentam personagens bissexuais enquanto protagonistas. Analisei a forma como foi apresentada a bissexualidade desses personagens ao longo da série, e suas características para além da sexualidade.

---

<sup>13</sup> Foram utilizadas as plataformas de streaming Netflix e Star+.

**Quadro 1 - Levantamento de séries**

Série	Personagem	Caracterização da bissexualidade	Perfil do personagem
Atypical (2016)	Casey Gardner	Descoberta de sua sexualidade.	Protetora em relação ao seu irmão, é uma jovem independente, inteligente e dedicada atleta.
Everything Sucks (2018)	Emaline Addario	Negação da sua sexualidade.	Inicialmente apresentada como “bully”. É uma personagem dramática e apaixonada.
Sex Education (2019)	Adam Groff	Descoberta de sua sexualidade.	Inicialmente apresentado como “bully” e imaturo, mas se mostra sensível ao longo da série.
Sex Education (2019)	Lily Iglehart	Descoberta de sua sexualidade.	Estranha, quieta e excêntrica.
The 100 (2014)	Clarke Griffin	Os relacionamentos dela com homens ou mulheres acontecem de forma natural, sem tornar-se uma pauta dentro da narrativa.	Líder, determinada e inteligente. Também impulsiva e protetora com seus amigos.
Orange is the New Black (2013)	Piper Chapman	Se apaixonou por uma mulher e passa a entender sua sexualidade como gostando de homens e mulheres, mas não usa o termo bissexual.	Aparece inicialmente uma pessoa inocente, mas ao longo da série se mostra egoísta, irritante e manipuladora.
You Me Her (2016)	Izzy Silva	A personagem trata sua sexualidade como algo fluído, não chegando a	Estudante de pós-graduação com personalidade forte.

		tornar-se pauta na narrativa.	
You Me Her (2016)	Emma Trakarsky	Inicia a série sendo bissexual, apesar de ser algo que só é contado após se relacionar com Izzy.	Mulher suburbana entediada.
Brooklyn-99 (2013)	Rosa Diaz	A personagem não costuma comentar sobre sua vida amorosa, mas tem a saída do armário bissexual.	Inteligente, durona e misteriosa.
Grey's Anatomy (2005)	Callie Torres	Passa por uma descoberta da sua sexualidade.	Alegre, extrovertida e inteligente. Aparece enquanto uma médica mais "bruta" por trabalhar na ortopedia.
Station 19 (2018)	Maya Bishop	Acontece de forma natural dentro da série, sem tornar-se pauta na narrativa.	Competitiva, implacável e muito atenciosa com sua família e amigos.
The Good Place (2016)	Eleanor Shellstrop	Acontece de forma natural dentro da série, sem tornar-se pauta na narrativa.	Inicia sendo muito egoísta, mas se mostra uma boa pessoa, dedicada aos amigos.

Fonte: elaboração própria.

Enquanto tais ficções seriadas parecem abrir maior espaço para personagens bissexuais, ainda é possível encontrar alguns problemas de representação para além da sexualidade.

Para cada personagem homem bissexual, parece existir cerca de quatro personagens mulheres. Além disso, há pouquíssimos papéis bissexuais com pessoas não brancas, e personagens bissexuais que são pessoas com deficiência ou não binários parecem completamente ausentes. (Shaw, 2023, p. 147).

Podemos perceber essa articulação na tabela apresentada, onde encontramos apenas Adam Groff (*Sex Education*) sendo apresentado como homem bissexual, em comparação com onze personagens mulheres. Já as pessoas não brancas são representadas apenas por Rosa Diaz (*Brooklyn-99*) e Callie Torres (*Grey's Anatomy*). Estão, de fato, completamente ausentes as pessoas com deficiência ou apresentadas como não binárias. Das personagens listadas, quatro passam por descobertas de suas sexualidades; outras quatro têm sua sexualidade apresentada de forma natural dentro da série, sem tornar-se uma pauta dentro da narrativa.

Na narrativa de Emma (*You Me Her*), a bissexualidade da personagem inicia escondida; apenas após envolver-se com Izzy, que primeiramente é apresentada como acompanhante de luxo, é que Emma conta para Jack, seu marido, que já esteve em relacionamentos com mulheres anteriormente e se considera bissexual. Rosa Diaz (*Brooklyn-99*) é uma personagem caracteristicamente durona e misteriosa, do tipo que não conta nem mesmo onde mora aos seus colegas de trabalho; portanto, quando fala de sua bissexualidade, ocorre na narrativa uma saída do armário tanto para seus colegas de delegacia, quanto para sua família. Emaline Adario (*Everything Sucks*) e Adam Groff (*Sex Education*) possuem uma trajetória similar, onde ambos costumam fazer *bullying* com personagens do mesmo gênero com os quais passam a se relacionar ao longo do seriado, mostrando que em parte, o preconceito que tinham com os colegas também surgia de um local de bifobia internalizada.

Faço aqui um destaque para a série *You Me Her*, apresentada no quadro 1. Além da narrativa de bissexualidade vivida por Emma, a série também nos apresenta para Izzy, que trata sua sexualidade como algo fluido — e, portanto, não se torna uma pauta dentro da narrativa, dando espaço ao enfoque na não monogamia. Pessoas bissexuais são comumente questionadas sobre a necessidade de se relacionar com pessoas de diferentes gêneros, incluindo a possibilidade de fazer isso ao mesmo tempo. Essas questões, normalmente, são apresentadas de forma que questionam a fidelidade da pessoa bissexual e se em algum lugar dentro de si a pessoa seja, de fato, gay ou lésbica – partindo do pressuposto de que se precisa ser

um ou outro. Também é comum na experiência de vida da pessoa bissexual que se façam pressupostos de que ao viver um relacionamento monogâmico com alguém de determinado gênero, essa pessoa bissexual eventualmente sentirá falta de se relacionar com pessoas de gênero diferente.

Além disso, esses tipos de suposições a respeito de pessoas bissexuais podem contribuir para que elas façam mais questionamentos sobre a forma de se relacionar. Quão interessante é, portanto, a existência de uma série de TV que, além de pautar a bissexualidade de forma natural, desafia a estrutura monogâmica de relacionamentos — outra temática tão tabu quanto a bissexualidade e que dificilmente aparece representada. Adrienne Rich (1980) já estudou o vínculo entre feminismo, heterossexualidade compulsória e monogamia compulsória, nos incentivando a refletir sobre a importância de desestabilizar não apenas suposições sobre a heterossexualidade, mas sobre monogamia.

Enquanto comunicadores, somos incentivados a questionar a forma que a comunicação de massa tem influência no âmbito social – seja através do reforço do status *quo* ou da resistência de grupos marginalizados. O que deve ou não ser dito, bem como a forma que o será. Além disso, devemos ocupar espaços para questionar os sujeitos envolvidos nesses processos. Para que seja possível ter personagens bissexuais cada vez mais representativos nas telas de TV, possibilitando a quebra de estereótipos negativos sobre essa sexualidade, é necessário pensar como são criados os diálogos e as narrativas desses relacionamentos. Acredito que seja essencial torná-los reconhecíveis para a audiência sem a lente de uma sexualidade perigosa.

A partir das definições e discussões apresentadas neste capítulo, torna-se possível situar como produções midiáticas, especialmente *The L Word*, podem romper com estereótipos e preconceitos, trazendo visibilidade de vivências marginalizadas em nossa sociedade, conforme veremos ao longo do capítulo cinco.

### 3. (BI)SEXUALIDADE E TEORIAS QUEER

Para melhor compreender as manifestações da bissexualidade retratada no audiovisual, com enfoque em *The L Word*, se faz necessário um aprofundamento nas teorias *queer* para tornar possível então questionar, estranhar e analisar tópicos como o poder e as dinâmicas sociais que estão na base de nossas suposições de normas sociais hegemônicas. Ao longo do presente capítulo apresento alguns conceitos-chave das teorias *queer*, e busco entender como está inserida a bissexualidade nessa discussão. Sob a luz de Louro (2001), Rich (1980), Monaco (2021), Garber (1995), Storr (1999) e Pramaggiore (1996), discuto a estrutura binária heterossexual/homossexual e a tensiono com a bissexualidade, considerando ainda o contexto histórico apresentado no capítulo dois.

#### 3.1 As teorias *queer*: contextualização

Ao longo dessa pesquisa, utilizo o termo *queer* como guarda-chuva para me referir às minorias sexuais e de gênero compreendidas dentro da comunidade LGBTQIAP+. Seu uso pela comunidade, porém, é recente. Para compreender as teorias *queer*, precisamos retomar a tradução do termo — que pode ser traduzido para o português como “estranho”, “bizarro” ou “esquisito”, e originalmente era utilizado como uma ofensa, especialmente direcionado a homossexuais e travestis. Os movimentos LGBTQIAP+ se apropriaram do termo e o ressignificam; e em 1990 surgiu a organização Nação *Queer*<sup>14</sup>, de modo a carregar orgulhosamente o termo. Hoje, ele também é considerado uma identidade<sup>15</sup> que, assim como as teorias *queer*, se orienta de modo a estar contra normalizações sexuais e de gênero impostas pelo meio social.

Para contexto da pesquisa, é necessário retomar também o fato de que os estudos *queer* surgiram no início dos anos 90, oriundos de

---

<sup>14</sup> QUEER NATION NY. History. Disponível em: <https://queernationny.org/history>. Acesso em: 29 jul. 2024.

<sup>15</sup>VALE, Leonardo. O que é queer?. Disponível em: <https://www.institutoclaro.org.br/cidadania/nossas-novidades/reportagens/o-que-e-queer/>. Acesso em: 29 jul. 2024.

pesquisadores como Judith Butler (1999). Nesse contexto, Louro (2001) aponta que houve grande influência de Foucault, do pós-estruturalismo, das teorias feministas e do próprio ativismo de organizações como a Nação *Queer*. A autora discorre sobre a posição que o *queer* assume – de colocar-se contra a normalização independentemente de onde ela venha:

Seu alvo mais imediato de oposição é, certamente, a heteronormatividade compulsória da sociedade; mas não escaparia de sua crítica a normalização e a estabilidade propostas pela política de identidade do movimento homossexual dominante. *Queer* representa claramente a diferença que não quer ser assimilada ou tolerada e, portanto, sua forma de ação é muito mais transgressiva e perturbadora (Louro, 2001, p. 546).

A autora explica que o *queer* se dispõe a questionar, analisar e desestabilizar oposições binárias e, nesse sentido, acaba por explicitar a necessidade que os pólos têm uns dos outros. No binarismo homossexual/heterossexual, estes são interdependentes, pois para possibilitar a afirmação de uma identidade é utilizada a demarcação do que não se é da outra identidade – ou seja, um indivíduo é homossexual porque não é heterossexual, e vice-versa. Na hegemonia heteronormativa, a homossexualidade, apesar de necessária para estabelecer seu limite, não deixa de ser vista como um desvio da norma.

O alvo dessa política e dessa teoria não seriam propriamente as vidas ou os destinos de homens e mulheres homossexuais, mas sim a crítica à oposição heterossexual/homossexual, compreendida como a categoria central que organiza as práticas sociais, o conhecimento e as relações entre os sujeitos (Louro, 2001, p. 549).

Essa mesma lógica pode ser aplicada também dentro da comunidade *queer* quando falamos de transgeneridade, e nos leva a considerar que as identidades de gênero são mais amplas, variáveis e instáveis do que propõe a norma cis-heterobinária<sup>16</sup> hegemônica. Se a bissexualidade representa uma quebra no binarismo sexual homo/hetero, a transgeneridade representa a destruição da binaridade do gênero homem/mulher. Se faz importante esse destaque para retratar uma imagem mais ampla da bissexualidade, ao passo que tal interseccionalidade representa também pessoas bissexuais.

---

<sup>16</sup> O termo “cis” refere-se a uma pessoa que se identifica com o gênero que foi atribuído a ela quando nasceu.

Ao retomar a base tanto do binarismo sexual, quanto do binarismo de gênero, é necessário também falarmos sobre o fenômeno da heterossexualidade compulsória. Apoiada em conceitos foucaultianos, as teorias *queer* propõem que a sexualidade não é algo pré-determinado biologicamente em um ser humano, mas sim operada através de uma imposição ideológica que diz se tratar de um estado natural e puro que não requer explicação (Louro, 2001). É possível observar que essa construção, apesar de manter sempre sua binaridade masculino/feminino, passa também por uma contextualização da cultura que a determina; de modo a não estar dada naturalmente, mas passando por exercícios de poder entre sujeitos – tanto os que a impõem como norma, quanto os que resistem e ficam às margens. Louro (2014) evidencia que essa rede de relações estão sempre tensas e em atividade.

Essa necessidade de construir normas, que são constantemente repetidas e reiteradas para regular as regras da sexualidade, são apontadas por Butler (1999, *apud* Louro, 2001) como a performatividade do gênero.

As normas regulatórias do sexo têm, portanto, um caráter performativo, isto é, têm um poder continuado e repetido de produzir aquilo que nomeiam e, sendo assim, elas repetem e reiteram, constantemente, as normas dos gêneros na ótica heterossexual (Butler, 1999, *apud* Louro, 2001, p. 548).

Tal processo, porém, é limitado, visto que o sujeito não possui permissão ou entendimento de decidir sobre o sexo que irá ou não assumir. E por mais que exista, compulsoriamente, a reiteração da heterossexualidade, há também o espaço para a produção dos corpos que não se ajustam à norma:

Seja para defender a integração dos/as homossexuais ou para reivindicar uma espécie ou uma comunidade em separado; seja para considerar a sexualidade como originariamente 'natural' ou para considerá-la como socialmente construída, esses discursos não escapam da referência à heterossexualidade como norma (Louro, 2001, p. 549).

Rich (1980) aborda esse caráter compulsório da sexualidade, especialmente voltada à heterossexualidade e aponta como, nas formas operantes da heteronormatividade, é possível notar o grande uso do poder masculino. Este se apresenta em variação de força bruta e controle de



consciência – manifestadas, por exemplo, através da arte e da mídia, como forma de influenciar, principalmente as mulheres, a serem colocadas em um espaço de desejo sexual masculino enquanto acreditam que essa é a idealização do romance heterossexual. Essa ideologia do romance hétero, conforme apontado pela autora, é transmitida às mulheres desde a infância, seja através de contos de fada, filmes, canções, etc. Conseguimos, portanto, localizar as mediações culturais na articulação da heterossexualidade compulsória e compreender a criação de mídias *queer*, especialmente sáficas, como um agente de resistência das sexualidades que fogem à norma heterossexual.

Nesse contexto, é importante pontuar que a organização de movimentos ativistas homossexuais foram, e ainda são, de suma importância na luta pelos direitos civis de minorias sexuais. Porém, é preciso ressaltar como outras minorias dentro da comunidade *queer* podem ser mantidas nas margens. No capítulo anterior vimos como historicamente a bissexualidade foi, de fato, invisibilizada por um movimento homossexual dominante. Louro (2001) propõe que isso se dá por um efeito regulador e disciplinador dentro de um discurso de identidade sexual que coloca o objeto amoroso no centro de sua definição. Como consequência, identidades sexuais, como a bissexualidade, que não se define apenas por uma preferência de gênero, acabam por ser consideradas menos desenvolvidas.

### 3.2 Teorias *queer* e epistemologias bissexuais

Enquanto as teorias *queer* salientam a desconstrução dos binários da sexualidade, do gênero e do sexo, as epistemologias bissexuais nos ajudam a entendê-la como ponto de partida de articulações das performances identitárias, bem como os preconceitos e discriminações que atravessam as pessoas bissexuais.

Em um cenário de descontentamento com as políticas identitárias vigentes, que causava uma percepção de não pertencimento de pessoas bissexuais dentro da binaridade heterossexual/homossexual, grupos de

ativismo bissexual passam a se articular, especialmente com o objetivo de gerar maior visibilidade e pesquisa em torno dessa identidade.

Lewis anota que tanto a teoria queer quanto as epistemologias bissexuais podem ser mobilizadas para desestabilizar o binário heterossexual/homossexual, mas a principal diferença é que as epistemologias bissexuais colocam a bissexualidade como ponto de partida para essa desconstrução, enquanto a teoria queer não prescreve um ponto de partida específico (Monaco, 2021, p. 95).

As epistemologias bissexuais podem ser consideradas como um modo de aprender, organizar e intervir no mundo que refutam correspondências unívocas entre atos sexuais e identidade, entre objetos eróticos e sexualidades, e entre identificação e desejo, como propõe Pramaggiore (1999). Conforme abordado ao longo da presente pesquisa, a bissexualidade pode ser utilizada para desconstruir o binário heterossexual/homossexual. Um dos motivos que suportam essa noção é também o fato de que a afetividade dos seres humanos tende a ser alterada ao longo da vida; por exemplo, é possível que se tenha preferência de se relacionar com pessoas de alguma determinada performance identitária durante algum período, bem como que isso seja alterado. Podemos ver a bissexualidade nesse lugar híbrido e fluído da sexualidade.

Se a fronteira define os espaços e separa o “nós” do “eles”, aquelas que se localizam na fronteira encontram-se indefinidas. A bissexual, nesse sentido, é uma atravessada, nem de um lado, nem de outro, nem hétero, nem homossexual. A bissexualidade tem elementos da heterossexualidade e da homossexualidade, ela está nos dois lugares, porém, não pertence a nenhum deles. Ela é a fronteira entre heterossexualidade e homossexualidade, é a linha divisória na dicotomia hétero/homo que define e separa esses dois espaços, mas é também a prova viva da permeabilidade entre eles (Monaco, 2021, p. 97).

Para Garber (1995), a bissexualidade teorizada pode ser algo inerentemente desconstrutivo e subversivo:

A bissexualidade perturba as certezas: heterossexual, *gay*, lésbica. Tem afinidades com elas todas, mas não é delimitada por nenhuma. É, portanto, uma identidade que também não é uma identidade, uma indicação da certeza da ambiguidade, a estabilidade da instabilidade, uma categoria que define e vai contra a categorização (Garber, 1995, p. 138).

A autora rejeita a oposição binária e ainda propõe pensar a sexualidade em um modelo tridimensional, como uma fita de Möbius: duas pontas de uma fita são ligadas, com uma meia torção, possibilitando que a fita tenha apenas uma face. Uma superfície contínua que, assim como a bissexualidade, dá a sensação de estar dentro e fora simultaneamente, ao mesmo tempo que cria esse dentro e fora. Enquanto Garber (1995) aponta a fluidez da bissexualidade e a impossibilidade de fixá-la como uma identidade, Däumer (2002) considera as duas dimensões da bissexualidade – identitária e epistemológica – incompatíveis, e argumenta que as vantagens de uma não poderiam ser aproveitadas enquanto a outra é perseguida.

Pramaggiore (1996) utiliza a metáfora do muro, que é um local intermediário, dividindo e demarcando locais, para entender a bissexualidade. Para a autora, estar em cima do muro pode ser visto como uma resistência a essa imposição binária de gênero, e que coloca esse gênero no local de objeto de escolha sexual. Podemos entender a cerca como uma estrutura permeável e permeante, algo que se aproxima mais dos espaços hétero e homo, ao invés de espaços hétero *ou* homo. Dessa forma, a atenção necessária para manter este muro forçaria que os dois lados do binarismo homo/hétero reconheçam não apenas ambos os lados do muro, mas também sua posição como um terceiro termo entre eles, que continuamente se desconstrói, recusa e questiona tal dualidade (Storr, 1999).

As epistemologias bissexuais também podem nos apoiar no estudo da bifobia. Garber (1995) compreende a bifobia como subproduto da homofobia, e argumenta que essa não existiria se a homossexualidade não fosse também marginalizada e reprimida dentro de uma heterossexualidade hegemônica. Desse modo, é possível compreender que uma pessoa heterossexual que estigmatiza a homossexualidade, por extensão, também estigmatizará a bissexualidade por considerá-la “parcialmente” homossexual. Ao mesmo tempo, essa se traduzirá em parte de pessoas homossexuais que percebem a bissexualidade como uma “ameaça heterossexual” dentro de outras minorias sexuais. A autora ainda propõe que, eliminando a homofobia, erradicar a bifobia seria algo fácil. Ao que cito as palavras de Alice Pieszecki, na sexta temporada de *The L Word*: “a homofobia está viva e bem”. É

necessário, portanto, que continuemos a buscar maior visibilidade sobre a bissexualidade, enquanto falamos de diversidade sexual em geral.

A construção do cenário apresentado neste capítulo vai ao encontro dos estudos de teorias *queer* como instrumento para desconstruir e desestabilizar binários. O que alguns teóricos apontam como diferença principal entre as epistemologias bissexuais e as teorias *queer* é que a primeira se utiliza da bissexualidade como ponto de partida nessa desconstrução, enfraquecendo categorias rígidas e binárias normativas como a sexualidade hetero/homo.

Reconhecemos que a teorização e o ativismo bissexuais estão envolvidos na disputa já em andamento: as teorias bissexuais amadureceram em um ambiente de movimentos *queer* que se tornaram proeminentes nas décadas de 1980 e 1990 e podem ser impensáveis fora desse contexto (Storr, 1999, p. 147)<sup>17</sup>.

Enquanto Storr (1999) reflete sobre o desenvolvimento das epistemologias bissexuais e o contexto mais amplo de movimentos *queer*, apontando que essas teorias e práticas não existem isoladamente – mas são moldadas e influenciadas pelas disputas e dinâmicas de identidade emergentes nas décadas de 1980 e 1990, Angelides (2006) ressalta que, mesmo que muitos estudos a respeito da bissexualidade tenham partido de textos de teorias *queer*, ela ainda foi apagada e ignorada de obras fundamentais dela. Para o autor, isso se dá na invisibilidade histórica da bissexualidade, conforme vimos no capítulo dois.

Quando buscamos estudos sobre pessoas *queer*, é possível perceber que os que tratam de pessoas bissexuais ainda são menores em comparação aos estudos sobre pessoas *gays* e *lésbicas*. E ainda enfrenta problemas como estudos sobre pessoas bissexuais repletos de estereótipos e mitos sobre essa sexualidade; ou se apresentar como mais uma sexualidade dentro da comunidade LGBTQIAP+, sem tratá-la de forma mais aprofundada. Tanto nos estudos que partem das teorias *queer*, quanto nas telas – em especial *The L Word* – é possível ver que, ao passo que se fala da exclusão e

---

<sup>17</sup> “We recognize that bisexual theorizing and activism are implicated in the fencing match already under way: bisexual theories have come of age in an environment of newly prominent queer movements of the 1980s and 1990s and might be unthinkable outside that context.”

preconceitos sofridos por pessoas *gays* e *lésbicas*, os problemas vividos por pessoas bissexuais não recebem atenção. Quando consideramos ainda a interseccionalidade de raça, classe social ou pessoas transgêneras nessa equação, vemos o assunto ainda mais distante.

É importante que a comunidade LGBTQIAP+ se exponha de forma não homogênea. Aqui retomo a importância de movimentos ativistas LGBTQIAP+ na luta pelos direitos civis de minorias sexuais e como isso se traduz também dentro dessa comunidade quando falamos da necessidade da legitimação da identidade bissexual na busca de criação de redes de apoio para essas pessoas. Porém, se é verdade que precisamos desconstruir a matriz hegemônica da heterossexualidade compulsória, é também necessário desconstruir os sistemas de controle utilizados dentro do movimento homossexual dominante.

## 4. METODOLOGIAS

Neste capítulo, busco evidenciar as metodologias e técnicas utilizadas para realizar a presente pesquisa. Essa é considerada qualitativa, pois trabalha, acima de tudo, com textos (Flick, 2009); e é de caráter exploratório, pois almeja contribuir com os estudos sobre o problema, de forma a deixá-lo mais explícito (Gil, 2002). O trabalho é separado em duas etapas: teórica e empírica. Aqui será possível compreender os procedimentos utilizados para possibilitar, junto com o referencial teórico apresentado nos capítulos anteriores, a aproximação de resposta para o problema de pesquisa e demais objetivos apresentados na introdução.

### 4.1 Pesquisa bibliográfica

Stumpf (2005) propõe que a pesquisa bibliográfica faz uso de um conjunto de procedimentos para identificar, selecionar, localizar e obter documentos de interesse para a realização de trabalhos acadêmicos. A autora explicita esta estratégia através de quatro etapas, são elas: (1) identificação do tema e assuntos; (2) seleção das fontes; (3) localização e obtenção do material; (4) leitura e transcrição de dados.

Seguindo, portanto, as etapas indicadas pela autora, podemos explicitar a identificação do tema e assuntos de interesse dessa pesquisa. A bifobia sofrida dentro da comunidade *queer* torna-se pano de fundo para aprofundar a temática da bissexualidade e como ela está inserida socialmente. A partir de experiências negativas e com denotação bifóbica em plataformas de redes sociais, somados à leitura, prévia a esta pesquisa, do livro *Invisi(bi)lidade: Cultura, Ciência e a História Secreta da Bisssexualidade*, de Julia Shaw (2023), foi possível construir e maturar este projeto. A pouca exploração no campo de pesquisas sobre bifobia em mídias audiovisuais feitas ou voltadas à comunidade *queer*, conforme explicitado no Estado da Arte no capítulo de introdução, também guia esse interesse em trazer o tema para pesquisa científica.

Podemos considerar que as etapas de seleção de fontes e obtenção do material foram realizadas simultaneamente. Ao longo do Estado da Arte e no aprofundamento de produções no âmbito acadêmico, foi possível conceber a visão geral teórica desejada. Durante essa seleção, foram encontrados livros, artigos e reportagens que amparam esta pesquisa e se fazem presentes ao longo dos capítulos dois e três. Na última fase, leitura e transcrição de dados, foi possível estabelecer discussões pertinentes entre os conteúdos selecionados e os objetivos dessa pesquisa. A leitura das obras referenciadas e transcritas ao longo desse processo foi primordial para elaborar e embasar os tópicos apresentados no capítulo cinco. Conforme Stumpf (2005), podemos considerar os autores presentes até aqui como fontes bibliográficas primárias.

Para melhor compreender as obras e temáticas abordadas nessa pesquisa, as separei em subcapítulos. Ao abordar uma retomada histórica da bissexualidade e sua representação no audiovisual, me apoio, principalmente, nos conceitos de Angelides (2006, 2001), Storr (1999), Rhodes (2020), Monaco (2021), Filho (2005), Pereira (2010), Schiappa *et al.* (2005) e Shaw (2023). Para discorrer sobre teorias queer e epistemologias bissexuais, retomo alguns dos autores já citados anteriormente e exploro também Louro (2001, 2014), Rich (1980), Garber (1995) e Pramaggiore (1996).

Considero ainda, como guia para essa pesquisa, o argumento de Stumpf (2005) que coloca a pesquisa bibliográfica não apenas na fase inicial do estudo, mas como uma das principais estratégias metodológicas que visa a aproximação do pesquisador com o tema pesquisado. Discorrida, portanto, a base teórica utilizada até aqui, apresento a parte empírica deste trabalho.

#### 4.2 Análise de imagem em movimento

Entendo que os produtos audiovisuais têm uma influência cada vez maior na vida cotidiana e, portanto, a pesquisa qualitativa utiliza-os para ser capaz de dar conta da construção social da realidade (Flick, 2009). Seguindo a parte empírica, utilizei como base a análise de imagem em movimento, conforme proposta por Rose (2008). A autora explica que ao analisar o

conteúdo e estrutura de meios audiovisuais, é necessário levar em consideração fatos que os tornam um meio complexo – como por exemplo, os sentidos, imagens, técnicas, composição de cenas, sequência de cenas e outros.

[...] não há um modo de coletar, transcrever e codificar um conjunto de dados que seja “verdadeiro” com referência ao texto original. A questão, então, é ser o mais explícito possível, a respeito dos recursos que foram empregados pelos vários modos de translação e simplificação (Rose, 2008, p. 344).

Denzin (2004, *apud* Flick, 2009) propõe quatro etapas para a análise de filmes. São elas: (1) “Assistir e sentir”: onde o autor propõe que os filmes devem ser considerados como um todo, anotando-se as impressões, as questões e os padrões de significado que forem visíveis. (2) Formular as perguntas que devem ser buscadas no material, anotando-se as cenas-chave. (3) Produzir “microanálises estruturadas” de cenas e de sequências individuais, que devem levar a descrições e a padrões detalhados na exposição (de conflitos, etc) nesses fragmentos. (4) Buscar padrões em todo o filme para responder à questão da pesquisa.

É importante ressaltar que eu já havia assistido o seriado *The L Word* antes de o escolher como objeto para análise. A partir da metodologia escolhida como base para a pesquisa, a série foi reassistida. Nesse momento, anotei informações que considere importantes para responder às questões que guiam o problema e os objetivos de pesquisa, sendo elas: 1) como é retratada a personagem bissexual principal em *The L Word*; 2) quais as relações que se dão a partir de Alice; 3) como aparece a sua bissexualidade; 4) como se dá a discriminação dupla.

Na terceira etapa, descrevi e analisei as cenas dos enredos selecionados, a fim de identificar os padrões de conflito, conexão e revelação da representação bissexual, relacionando-as sempre que possível com a pesquisa bibliográfica explorada nos capítulos dois e três. Para o último passo, serão conectados os padrões levantados nas cenas descritas com objetivo de responder o problema da pesquisa: como é feita a representação da bissexualidade feminina no seriado *The L Word*?

Foi escolhido, portanto, como objeto de pesquisa o seriado televisivo *The L Word*, encontrado no Brasil apenas através do Portal TLWBRAZIL na



plataforma do Telegram<sup>18</sup> – o que, de início, já apresentou um indicativo de dificuldade para encontrar o conteúdo. Quando lançada, a série esteve disponível em canais pagos de televisão; porém, atualmente, enquanto há no país diversas plataformas de *streaming*, nenhuma oferece em seu catálogo o seriado que marcou uma geração de mulheres sáficas. Esse cenário vai de encontro com a sede de representatividade apresentada por esse público. Diante desse cenário foi aplicada a pesquisa documental, ao considerar que embora esses registros não tenham sido produzidos para fins de pesquisa, eles e a informação neles contida pode ser utilizada para tal (Flick, 2009).

Para responder ao questionamento do problema de pesquisa e compreender como são representadas as personagens bissexuais no seriado *The L Word*, acredito ser necessário analisar a série de uma forma ampla, considerando os contextos em que as cenas selecionadas estão inseridas. A fim de delimitar o corpus da pesquisa, foi escolhida apenas a personagem principal autoidentificada como bissexual desde sua introdução na série: Alice Pieszecki.

Visando explorar os diferentes momentos onde são abordados a sexualidade da personagem, separei diversas ocasiões ao longo da série para a análise, conforme os passos propostos por Denzin (2004, *apud* Flick, 2009). Entendendo os enredos como um conjunto de acontecimentos que fundamentam a história da série, não há obrigatoriedade cronológica para análise das sequências, respeitando apenas os acontecimentos conforme expostos ao longo das seis temporadas produzidas do seriado. Essa escolha se justifica através da intenção de compreender a representação da bissexualidade da personagem ao longo de todo o seriado, bem como sua relação com a comunidade *queer*, onde as situações selecionadas apresentam essas temáticas de forma mais marcada em episódios diferentes, conforme aprofundado no capítulo cinco.

---

<sup>18</sup> Plataforma de serviço de mensagens instantâneas baseado na nuvem, similar ao WhatsApp.

## 5. **THE B WORD**

A partir dos conceitos e discussões apresentadas nos capítulos anteriores, chegamos ao objeto empírico que a presente pesquisa se propõe a analisar: o seriado de TV *The L Word*. A série lançada em 2004 foi criada por Ilene Chaiken, mulher que se identifica como lésbica. A trama se propõe mostrar as vidas e amores de um grupo de amigas sáficas na cidade de Los Angeles, Califórnia. Ao assistir a série, é saliente que a história retrata um grupo de amigas que tende a permanecer sempre unido. São parte desse grupo: o casal Bette Porter e Tina Kennard que, após sete anos de relacionamento, estão se preparando para ter um filho; Alice Pieszecki, bissexual e jornalista; Dana Fairbanks, jogadora profissional de tênis que esconde sua sexualidade; Shane McCutcheon, cabeleireira e caracterizada como “incapaz de ficar com apenas uma mulher”; e Kit Porter, meia-irmã de Bette e única mulher heterossexual do enredo protagonista. O grupo de personagens principais ainda inclui Jenny Schecter, uma jovem recém-formada pela Universidade de Chicago que se muda para a cidade para morar com seu namorado, Tim Haspel. Ao conhecer as novas vizinhas, Bette e Tina, Jenny começa a questionar sua sexualidade. Ao longo da história, novas personagens vão adentrar o grupo de amigas, como Helena Peabody, que se identifica como lésbica.

Para contextualizar a relevância do objeto de pesquisa para além do meu interesse pessoal, é importante situá-la historicamente. Em 2004, ano do seu lançamento, não existia no horário nobre da TV uma história centrada em contar a vida de mulheres sáficas. Chaiken, que anteriormente esteve envolvida na produção de *Um Maluco no Pedaco* (1990), levou três anos<sup>19</sup> para receber uma resposta positiva de sua proposta. O motivo foi o sucesso de *Queer as Folk* (2000), o primeiro seriado de televisão que fugiu da comédia e mostrou o cotidiano de homens gays em uma proposta mais séria. *The L Word* chegou a ser chamada de *Sex and the City* (1998)<sup>20</sup> para

---

<sup>19</sup> SAITO, Bruno Yutaka. **Lésbicas ganham seu primeiro seriado**. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 03 jul. 2005. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0307200523.htm>. Acesso em: 09 ago. 2024.

<sup>20</sup> A série aborda a vida e os romances envolvendo quatro mulheres de Nova York que são melhores amigas.

mulheres sáficas, mas com ainda mais cenas de sexo e nudez feminina. Através da análise da série, que passava no horário nobre das 21h nos domingos da TV paga estadunidense, foi possível perceber que essa mostra mulheres sempre prontas para transar, independente do contexto.

Porém, não apenas de sexo entre mulheres é feita a história, que aborda temas como feminismo, abuso sexual, saúde mental, aborto, porte de armas, câncer de mama e classe social. Para a autora, que conta não escrever o que quer, mas o que acha ser real e verdadeiro para as personagens, a história da série é principalmente sobre amizade, amor, compromisso e fidelidade. A série que marcou uma geração<sup>21</sup> não poderia deixar de abordar os mais diversos aspectos da sexualidade. Através do grupo de amigas, somos apresentados a temas como a dificuldade de se abrir emocionalmente, a cultura lésbica e *queer* de Los Angeles, o tratamento de pessoas *queer* no exército e pessoas que passam uma vida inteira negando e escondendo sua sexualidade, seja por medo ou homofobia internalizada.

Com certo humor, também vemos como é o relacionamento de amizade entre as mulheres que já se envolveram amorosamente. Porém, a série usa momentos sérios para fazer a interseccionalidade de raça e gênero, além de acompanhar a história de transição de gênero e gravidez de Max, interpretado pelo ator Daniel Sea, que também se identifica como transmasculino não binário e *queer* fora das telas. Daniel não foi o único ator *queer*; a série, além de trazer mulheres sáficas para o foco da história, também teve a participação de ao menos vinte e uma atrizes, entre personagens principais e secundárias, que se identificam como parte da comunidade LGBTQIAP+<sup>22</sup>. A personagem de Alice foi interpretada por Leisha Hailey, que à época de estreia da série, era a única atriz principal abertamente lésbica. Além das atrizes, a banda BETTY<sup>23</sup>, responsável pela

---

<sup>21</sup> THE L WORD COM PROTAGONISTAS LÉSBICAS. **Itapema FM**, 09 jul. 2024. Disponível em: <https://www.itapemafm.com.br/the-l-word-com-protagonistas-lesbicas-serie-retorna-promoven-do-encontro-de-geracoes>. Acesso em: 09 ago. 2024.

<sup>22</sup>SO, BASICALLY EVERYBODY WHO WAS IN THE L WORD IS GAY NOW. **Autostraddle**, 30 nov. 2016. Disponível em: <https://www.autostraddle.com/so-basically-everybody-who-was-in-the-l-word-is-gay-now-319810/>. Acesso em: 09 ago. 2024.

<sup>23</sup> MEET BETTY. **Hello Betty**. Disponível em: <https://www.hellobetty.com/meetbetty>. Acesso em: 09 ago. 2024.

música tema da série e que é formada por mulheres abertamente *queer*, também aparece diversas vezes em cena.

O sucesso da série fora das telas foi tanto que nos conteúdos especiais produzidos pela produtora da série, Showtime<sup>24</sup>, eles mostram o “por trás das câmeras” do universo *The L Word*, onde contam que em Los Angeles havia uma loja exclusiva para venda de coleções de moda inspiradas nas personagens da série. Durante a terceira temporada, com o tema do câncer de mama de Dana, foram feitos itens exclusivos cujo lucro foi inteiramente direcionado para a pesquisa do câncer de mama. Além disso, 10% do faturamento das joias da coleção *Love and Pride* foram direcionados para a comunidade *queer*, apoiando a luta pelos direitos civis dessa comunidade.

Para buscar responder o problema de pesquisa, selecionei a personagem Alice Pieszecki para a análise da construção narrativa da bissexualidade em *The L Word*. A partir dela, também é possível compreender a sexualidade de outras personagens — a exemplo de Tina Kennard, que apresenta comportamento bissexual em parte da série, mas se identifica como lésbica. Sendo assim, não a trago como ponto de foco no meu objeto de análise.

**Figura 1** - Alice Pieszecki.



Fonte: imagem promocional de *The L Word*.

<sup>24</sup> Showtime é uma rede de canais de televisão por assinatura.

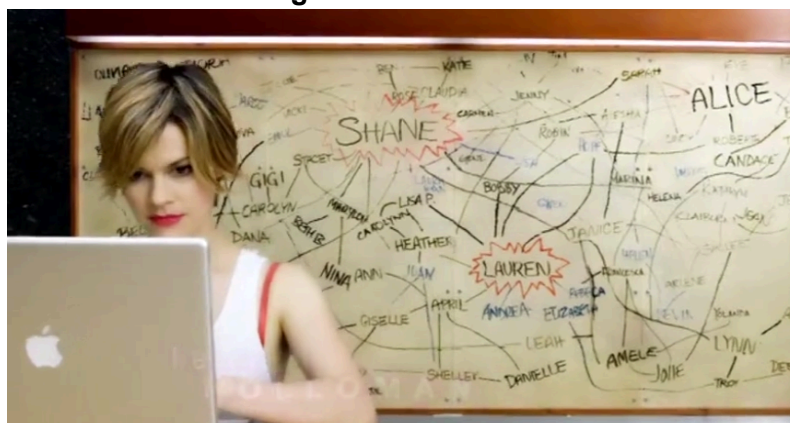
Para examinar diferentes momentos da jornada de Alice, a análise foi separada em quatro tópicos, que contaram com diversas cenas ao longo das seis temporadas, para análise. Justifico essa escolha com a intenção de explicitar a compreensão a respeito da representatividade da bissexualidade e a inserção de Alice na comunidade *queer*. A análise desses aspectos permite identificar a narrativa da bissexualidade da personagem, bem como ressaltar as articulações de discriminação dupla na série.

### 5.1 *I'm a bisexual*

Neste subcapítulo busco compreender a representação da personagem Alice Pieszecki enquanto única personagem bissexual a fazer parte do grupo principal no universo de *The L Word*. Alice é uma mulher cis branca. Apesar de, ao longo da série, a ouvirmos contar sobre como foi a descoberta de sua sexualidade e saída do armário bissexual, diferente de outras personagens, ela é muito aberta e explícita sobre sua bissexualidade desde o primeiro episódio.

Alice, que é jornalista, é caracterizada como sempre atenta às tendências e fofocas das celebridades de Los Angeles. Ao longo da série, vemos como ela explora diversos de seus aspectos como comunicadora — seja através de entrevistas feitas para revistas, em seu programa de rádio e *podcast*, até eventualmente como apresentadora de um programa de TV. Apesar de as amigas a descreverem com fama de fofoqueira, o senso de humor de Alice é divertido e ela aspira melhorar o mundo para pessoas LGBTQIAP+. Envolvida com a comunidade *queer*, Alice acredita que todas as mulheres sáficas de Los Angeles estão conectadas de alguma forma através dos “encontros sexuais” umas com as outras. A forma que encontra para provar isso é desenvolvendo o *The Chart*. A tradução para o português seria “o quadro”, o que descreve a primeira plataforma utilizada por ela: um quadro branco na parede de casa onde escreve o nome de diversas mulheres conectadas através de linhas que explicitam suas relações.

Figura 2 - *The Chart*.



Fonte: segunda abertura de *The L Word*.

Alice decide então ampliar o alcance do quadro e o publica em uma plataforma *online*. Ao longo da série, vemos que a proposta da personagem através do *The Chart* é abraçada pela comunidade sáfica de Los Angeles; sendo assim, a jornalista passa a explorar a temática em um programa especial na rádio onde trabalha. A popularidade crescente leva Alice a criar uma plataforma própria para o quadro, que passa a ser conhecido como *OurChart.com*; e posteriormente, faz com que ela seja convidada a ser apresentadora em um programa de TV, o *The Look*. O sucesso do *chart* de Alice também foi abraçado pela comunidade sáfica fora da ficção, e entre os anos 2006 e 2008, o *site* do *Our Chart* foi uma plataforma real<sup>25</sup> onde os fãs podiam interagir.

Ao final da série, em 2009, a produtora *Showtime* lançou um conteúdo especial que nos auxilia a ter uma visão mais ampla das personagens. Sendo a única do grupo de amigas a se identificar como bissexual, mas mantendo explícita sua preferência por se relacionar com mulheres, Alice é perguntada sobre se isso cria algum problema. Alice nega e completa:

Eu com certeza me atraio mais por mulheres... Eu acho as mulheres fascinantes... Intrigantes, sabe? Mulheres me deixam maluca. Eu me apaixono por mulheres, mas eu olho para os homens. Não para todo tipo de homem, definitivamente com mais cabelo. Gregos, com corpo de deuses. Mas tenho certeza se por alguma força do universo eu não estivesse apaixonada ou em um relacionamento com a garota dos meus sonhos, então sim, se eu quisesse ter algo rápido com um certo cara cheiroso. Eu não quero

<sup>25</sup> OURCHART.COM PULLS THE PLUG. *The Advocate*, 22 nov. 2008. Disponível em: <https://www.advocate.com/news/2008/11/22/ourchartcom-pulls-plug>. Acesso em: 09 ago. 2024.

ter que dizer para mim mesma “ei, Alice, não é permitido. Você é lésbica”. Eu não vivo assim. Não quero me colocar em uma caixa (*The L Word*, 2009, especial Depoimento de Alice Pieszecki).

Shaw (2023) aponta um estudo que destacou aspectos positivos na autoidentificação bissexual. Entre eles estão a liberdade de rótulos sociais; a liberdade para amar independentemente de sexo ou gênero; a liberdade para explorar relacionamentos; e a liberdade da repressão sexual na subjetividade. Esses aspectos podem ser evidenciados na fala de Alice descrita acima em relação à sua autoidentificação.

## 5.2 Alice in Lesboland

Adentrando a “lesbolândia”, como é chamada por Alice, neste subcapítulo busco evidenciar as relações que são construídas a partir dessa personagem. Alice, ao longo da série, não encontra problemas em conhecer novas pessoas; e suas relações de amizade com cada uma das personagens são bem desenvolvidas. É possível perceber também que o grupo de amigas é originalmente estabelecido através de suas relações com Alice: ela se relaciona com Bette, que a trai com Tina, mas continuam sendo amigas; através de seu trabalho como jornalista, ela conhece Shane e Dana; Helena entra na história através de seu envolvimento romântico com Tina, mas é pela amizade estabelecida com Alice que ela permanece no grupo de amigas.

**Figura 3** - Helena, Shane e Alice.



Fonte: temporada 4, episódio 6.

No contexto da análise, serão considerados os depoimentos de Helena e Shane, feitos no especial do *Showtime*, apenas no que tange suas relações com Alice. Helena fala sobre como Alice foi a primeira amiga de verdade que teve; a primeira pessoa a cuidar dela sem querer algo em troca. Ao final da terceira temporada vemos como isso se traduz no momento em que Peggy Peabody, mãe de Helena, decide cancelar todas as contas da filha por acreditar que, por ter nascido já muito rica, não dá valor ao dinheiro da família; e, portanto, deveria conquistar seu próprio. Durante esse momento, que é explorado no início da quarta temporada, Alice é quem dá o maior suporte emocional para Helena e a convida para ser sua colega de casa.

Já Shane fala que, de todas as meninas do grupo, ela era mais próxima de Alice. Ela conta que a conheceu quando trabalhava em um salão de cabeleireiros frequentado por celebridades, local onde Alice buscava fofocas. Alice convida Shane para um café, mas Shane diz saber que aquela era uma desculpa para receber informações. Uma mulher questiona Shane: “[Alice] Só estava te usando, certo?” Shane nega: “Não, eu não diria isso. Ela não usa pessoas, mas eu sabia que só queria uma boa fofoca”, referindo-se a personalidade da jornalista.

Nos dois relatos é possível perceber que Alice é retratada de forma positiva. Dessa forma, ela foge tanto dos estereótipos negativos que costumam acompanhar as personagens bissexuais no audiovisual, quanto da discriminação por outras pessoas *queer*. O último, porém, é melhor evidenciado em episódios que retratam sua relação com Dana, conforme explorado no subcapítulo 5.4.

### 5.2.1 O relacionamento com Dana

O relacionamento amoroso de Alice com Dana será melhor explorado no subcapítulo 5.3, quando analiso como é retratada sua sexualidade. Aqui, busco evidenciar demais aspectos dessa relação. Do grupo de amigas, Dana é a única com a qual Alice se relaciona durante a série; seu relacionamento com Bette aparece somente em *flashback*.



Dana passa pela dificuldade de ser uma jogadora profissional de tênis que é lésbica e não pode ser assumida. Apenas seu grupo de amigas, seu agente e seu amigo Harrison, que também é um atleta *queer* e com o qual tem um relacionamento de fachada, sabem a verdade sobre sua sexualidade.

**Figura 4** - Alice e Dana.



Fonte: temporada 2, episódio 8.

Em uma festa na primeira temporada, Harrison aparece como namorado de Dana e comenta que ser assumido e ter orgulho disso não vende carros. Porém, no sétimo episódio da primeira temporada, alguns representantes da Subaru, marca que está patrocinando a atleta, sugerem ao agente de Dana que ela fale sobre a sua sexualidade em um comercial. Devido ao sucesso da marca, o agente concorda. Durante a saída pública do armário, Dana se vê obrigada a contar para sua família conservadora que é lésbica. Alice é quem fica ao lado dela e presta suporte emocional tanto nesse momento, quanto durante o processo de não aceitação da família.

Na segunda temporada, Dana e Alice se envolvem romanticamente. No início da terceira temporada, o relacionamento delas já terminou, pois Dana decide retomar o namoro com outra mulher, Lara. Porém, Dana é diagnosticada com câncer de mama, o que insere o assunto na série. Durante o período inicial da doença, ela termina com Lara e quem cuida dela é Alice. A partir desse momento, elas voltam a desenvolver seu relacionamento de amizade, mostrando o quanto a dedicação de Alice à Dana vai além do romance. Novamente, podemos ver Alice distante dos estereótipos negativos de bissexualidade no audiovisual.

Dana vai a óbito no final do décimo episódio da temporada; e no episódio seguinte, Alice se envolve no velório. Porém a família de Dana, que nunca aceitou a sexualidade da filha, toma conta da situação e deixa o grupo de amigas excluídas, posicionadas na parte de trás da igreja onde acontece a cerimônia. Durante o discurso, o padre fala sobre como Dana faleceu antes de encontrar um marido que pudesse lhe proporcionar felicidade e amor no lar. Alice perde a postura, se levanta e em alto tom pergunta do que ele está falando. Com todas as pessoas na igreja viradas para ela, diz: “Dana era gay”, retirando-se então do local. Em seguida, Alice rouba as cinzas de Dana para possibilitar que, junto ao grupo de amigas, elas possam realizar a cerimônia que Dana havia solicitado: ter seu refúgio final no acampamento onde se envolveu pela primeira vez com uma mulher em sua adolescência. A cena demonstra a contínua dedicação de Alice à Dana.

#### 5.2.2 A relação com Tina

Neste subcapítulo saliento a relação de amizade entre Alice e Tina, para que seja possível, posteriormente, utilizá-la para tensionar a reação de Alice quando a amiga apresenta comportamentos bissexuais. Destaco, porém, que apesar do comportamento, nuances e relações apresentadas na série, Tina se identifica como lésbica.

No desenrolar da primeira temporada também vemos a participação de Alice como suporte emocional para Tina, tanto no momento em que esta descobre a sua gravidez, quanto na cena da noite de jogos que será explorada no subcapítulo 5.4. No último episódio da primeira temporada, quando Tina descobre ter sido traída por Bette, ela vai para a casa de Alice e pergunta se pode ficar lá por um tempo. Em uma cena emocionante, Alice pergunta o que aconteceu para Tina aparecer dessa forma; sem conseguir falar, ela apenas se dirige ao quadro branco na parede da sala, onde está a primeira versão do *The Chart* e, chorando, começa a escrever o nome da mulher com a qual Bette lhe traiu. Alice entende o que aconteceu e a abraça enquanto Tina chora desesperadamente. Considerando que Alice inicia a

série já sendo ex-namorada de Bette, essa cena é importante para marcar o desenvolvimento de sua amizade com Tina.

**Figura 5 - Tina e Alice, *The Chart*.**



Fonte: temporada 1, episódio 10.

No início da segunda temporada descobrimos que a última inseminação de Tina, feita em segredo antes do término, teve sucesso. Alice é a primeira amiga para quem ela conta e, posteriormente, vem a ser madrinha de sua filha. Durante o término de Tina e Bette, Alice também é a pessoa que ajuda Tina a encontrar uma advogada para o processo de separação.

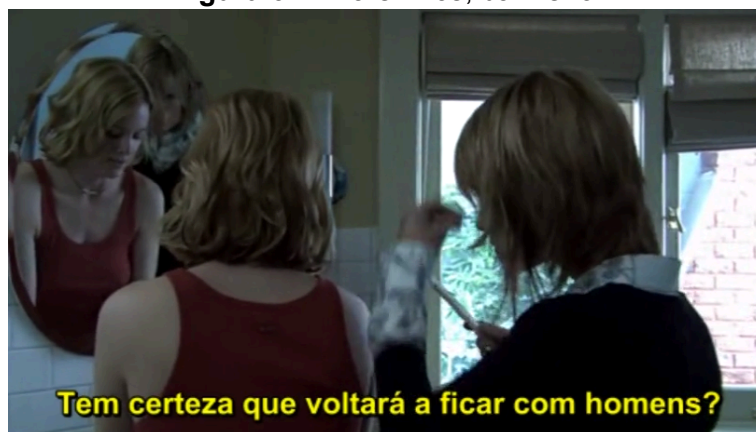
A partir da terceira temporada da série, é explorado o comportamento bissexual e os sentimentos de Tina por homens, bem como a forma com que isso repercute no grupo de amigas. Esse assunto será retomado no subcapítulo 5.4, sob a perspectiva de Alice; pois a partir do momento em que Tina se relaciona com Henry, esse passa a ser um fator de afastamento entre ela e o grupo de amigas, incluindo Alice.

### *5.3 It's a political identity*

Alice é sempre muito aberta e explícita sobre sua bissexualidade, tanto quanto a sua preferência por relacionar-se com outras mulheres. Neste subcapítulo trago os relacionamentos amorosos da personagem ao longo da série, a fim de evidenciar sua sexualidade.

Alice, na primeira temporada, preocupa suas amigas devido à sua incapacidade em cortar relações com Gabby, sua ex-namorada abusiva. São suas amigas que agem como suporte emocional da personagem que, após essa situação, declara estar cansada de se envolver com mulheres e estaria buscando um homem para isso. No quarto episódio da primeira temporada, Alice e Tina estão no banheiro da casa da última, que está fazendo um teste de gravidez para verificar o resultado da nova tentativa de inseminação. Com a declaração anterior de Alice sobre estar cansada de se relacionar com mulheres, Tina a questiona: “Tem certeza que voltará a ficar com homens?” e Alice responde: “Tenho! Já tive drama e piração demais, as mulheres são doidas!” Tina, ironicamente, responde: “É, homens são entediantes!” mas Alice responde: “Pode vir! Eu poderia fazer bom uso de um descomplicado e chato sexo menino-menina mascarado de amor. Não tenho problema com isso.” Enquanto essa cena marca a bissexualidade de Alice, é possível ver que a perspectiva de um relacionamento romântico e duradouro não parece ser uma possibilidade para ela quando se trata de homens.

**Figura 6 - Tina e Alice, banheiro.**



Fonte: temporada 1, episódio 4.

Durante a primeira temporada, Alice aparece namorando dois homens diferentes e tendo orgulho de sua identidade bissexual. Em diversas cenas podemos vê-la falando sobre transar com homens para as amigas, que se mostram tolerantes, apesar de ainda receber comentários provocativos de Dana. Porém, a partir da segunda temporada passam a ser mais aprofundadas as suas relações com outras mulheres. Aqui se comprova que a personagem rompe o cenário apontado por Shaw (2023) sobre a fantasia

perfeita de como devem se comportar mulheres bissexuais, conforme apontado no segundo capítulo: predominantemente interessadas por homens. Nessa perspectiva, Alice representa algo que não é comum vermos em personagens bissexuais no audiovisual.

A segunda temporada explora o envolvimento extraconjugal de Alice com Dana, noiva de Tonya. No sexto episódio, Dana e Alice se encontram no *The Planet*, café frequentado pelo grupo de amigas. Dana pergunta se elas irão até o apartamento de Alice, que nega o pedido e informa que não fará mais isso com ela. Alice diz que não ficará se escondendo, sendo sua amante secreta, a outra mulher; e quer que Dana termine o relacionamento com Tonya para que elas possam ficar juntas. Dana diz que não pode fazer isso pois tem um torneio importante no dia seguinte, o qual Tonya foi a responsável por organizar sua participação. Alice diz achar isso “repugnante” e Dana diz que quer muito estar com ela e, portanto, terminará com Tonya após o torneio. O término entre elas acontece nos episódios seguintes. Apesar de ter um relacionamento extraconjugal com Dana, o que reforça o estereótipo não confiável de pessoas bissexuais, Alice impôs sua vontade de não permanecer dessa forma. O mesmo acontece na quarta temporada, quando Alice relaciona-se brevemente com Phyllis. Na narrativa, Phyllis é uma mulher de meia-idade que está descobrindo sua sexualidade e envolve-se em um caso extraconjugal com Alice. Dessa vez, porém, Alice não sabia que o casamento ainda não havia sido desfeito e termina o relacionamento ao descobrir.

A partir do término de Dana e Tonya, então, é explorado o relacionamento de Alice e Dana. Nesse momento podemos acompanhar a sexualidade de Alice sendo explicitada em diversas oportunidades, o que não necessariamente é algo positivo entre o casal. Alice não tem vergonha de explorar sua vida sexual, e propõe que ela e Dana utilizem brinquedos sexuais. No nono episódio da segunda temporada, Dana questiona se a vontade de Alice em usar os brinquedos sexuais seria um “lance bissexual”, sugerindo que ela estaria querendo “*have your cake and pussy too*”<sup>26</sup>, o que

---

<sup>26</sup> A frase faz referência a expressão “having their cake and eating it too” que pode significar “fazer duas coisas boas ao mesmo tempo” ou um modo de acusar pessoas bissexuais de serem aproveitadoras.

Alice nega. Dana, porém, diz que não quer fazer isso com ela e insinua que Alice estaria querendo transformá-la em homem. Alice a interrompe e diz que “muitas lésbicas genuínas<sup>27</sup> acham mais completa uma transa com dildo” e completa dizendo que acharia excitante que ambas pudessem usar. As duas terminam a conversa e a cena, mas ao final do episódio, vemos que Dana então concorda em experimentar o uso dos brinquedos sexuais.

Conforme elucidado no início do capítulo cinco: a série mostra mulheres sempre prontas para transar, independente do contexto. O casal é um forte exemplo disso, sendo recorrentes as cenas de relações sexuais delas. Além disso, conforme explorado no subcapítulo 5.4, Dana é a pessoa que mais invalida a sexualidade de Alice ao longo da narrativa. Na cena descrita acima é explicitada a ideia que retoma o viés de camuflagem sexual, apontado por Shaw (2023) no capítulo dois. Aplicado nessa cena, ao considerar que Alice quer “transformar” Dana em homem por sugerir o uso de brinquedos sexuais, esta última parece sugerir que na verdade Alice é heterossexual. Para além de invalidar a sexualidade de sua namorada, nesse momento Dana também desconsidera que identidades de gênero são mais amplas, variáveis e instáveis do que propõe a norma cis-heterobinária hegemônica, conforme apontado no subcapítulo 3.1.

Vale ainda ressaltar que a utilização do termo “lésbicas genuínas” abre margem para pressupor a existência de “lésbicas falsas”, de forma a se opor e qualificar o primeiro. É compreensível que a escolha tenha se dado como forma de Alice enfatizar seu argumento na discussão, mas ao fazê-lo, coloca a personagem numa posição de julgamento, reforçando divisões e hierarquias (como o malfadado termo “lésbica *gold star*”, utilizado em outro momento da série, indicando mulheres que nunca se relacionaram com homens). Na cena, é possível retirar o adjetivo “genuíno” sem alterar o sentido da frase; sendo assim, há de se imputar à série um reforço, ora na normatividade de Alice, ora na visão da autora e da série.

O relacionamento das duas, porém, não vai além — e no último episódio da temporada vemos Dana se reaproximar de Lara, sua ex-namorada. A terceira temporada inicia com Alice expondo em seu

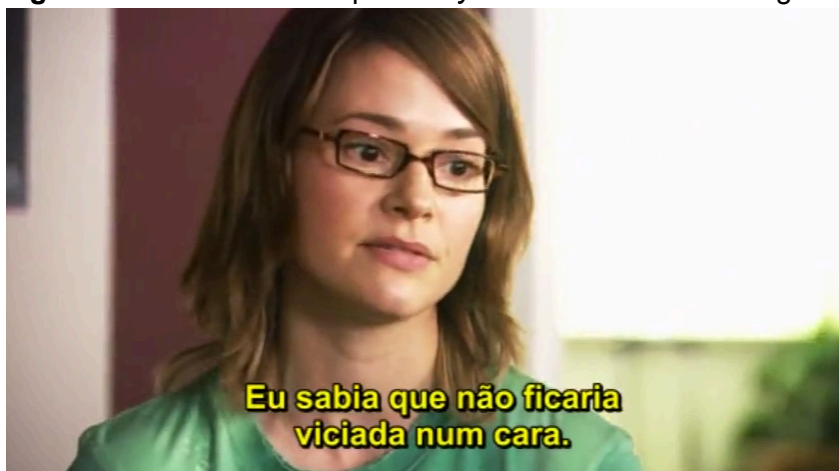
---

<sup>27</sup> No original, “*bonafide lesbians*”.

programa de rádio, *The Chart*, seus sentimentos após o término com Dana. Nele, Alice conta sobre suas experiências tanto com mulheres, quanto com homens, especialmente sobre como não está lidando bem com o término. É durante esse período que Alice, pela primeira vez, se mostra uma pessoa obsessiva. Em uma cena, ela chega a perseguir Dana no trânsito; em outra, ela aparece vigiando sua casa e espiando pelas janelas. No seu apartamento ela possui um “altar” para Dana, cheio de fotos das duas e um cartaz em tamanho real de uma das propagandas feitas pela atleta.

No segundo episódio da terceira temporada, descobrimos que Alice está fazendo terapia em grupo no Centro para Gays e Lésbicas de Los Angeles. Ela conta como acredita ter se relacionado com Lisa, um homem lésbico<sup>28</sup>, por este não apresentar perigo para ela — pois sabia que não iria se “viciar” em um homem. Com um panfleto que explica os diversos tipos de viciados em amor em mãos, Alice conta como acredita ser uma viciada em amor obsessivo. Ela justifica sua obsessão devido ao sexo com Dana, que descreve como “simplesmente inacreditável, coisa de outro mundo”, e o quanto isso a fez pensar que ela seria, portanto, o amor de sua vida. Alice termina a cena alegando acreditar que Dana irá voltar pra ela, pois o amor delas era muito intenso. Novamente Alice, apesar de marcar sua bissexualidade, demonstra não enxergar a possibilidade de um relacionamento romântico profundo com homens.

**Figura 7 - Alice no Centro para Gays e Lésbicas de Los Angeles.**



Fonte: temporada 3, episódio 2.

---

<sup>28</sup> Falarei mais sobre esse personagem no subcapítulo 5.4.

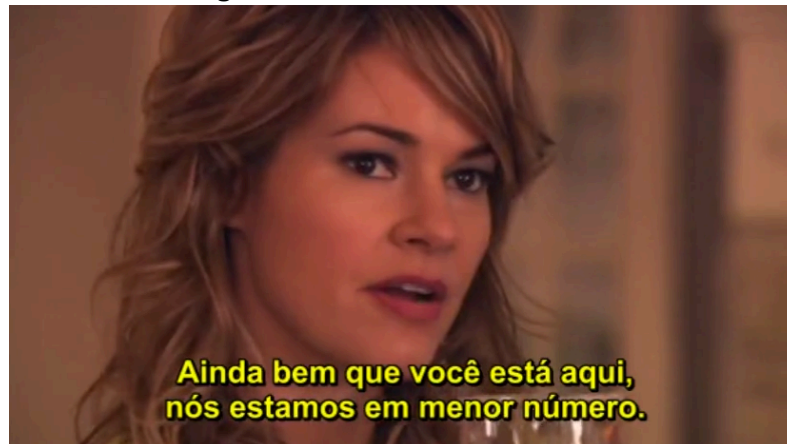
A partir desse momento, também vemos a amizade de Alice e Helena ser melhor desenvolvida na narrativa. Helena, agora parte do grupo de amigas, vai à uma taróloga que conta ver um romance em seu futuro, descrevendo a pessoa como “criativa, artista, volátil e instável principalmente sexualmente”. Helena questiona se ser sexualmente volátil significa que é uma pessoa bissexual, e a taróloga confirma. Nas cenas seguintes percebemos que ela estaria se referindo à Alice, mas a possibilidade de um relacionamento romântico entre as duas não é explorado. Novamente, vemos os estereótipos negativos da bissexualidade no audiovisual, dessa vez como instável e volátil.

No final do décimo episódio da terceira temporada, Dana sofre uma parada cardíaca e vai a óbito, levando aos acontecimentos de seu velório, citados no tópico 5.2. Nos episódios que seguem essa morte, Alice e Lara, ex de Dana, começam a ter uma relação puramente sexual, como forma de lidar com o luto. Quando elas viajam para o Canadá, onde acontecerá o casamento de Shane e Carmen, Lara tenta conversar sobre a situação, mas Alice foge da conversa. Aqui são explicitados estereótipos negativos de egoísmo e disposição a fazer sexo com pessoas de qualquer gênero para benefício próprio.

No terceiro episódio da quarta temporada, Tina, que está afastada do grupo de amigas devido a seu relacionamento com Henry, decide fazer uma festa na casa do namorado para unir seus amigos heterossexuais e *queer*. Dentre os acontecimentos da festa, destaco o momento em que Bette chega e se junta ao grupo de amigas: Alice diz estar feliz por ela ter chegado, pois estariam em menor número entre os héteros. Nessa situação, particularmente, percebe-se Alice colocando-se como parte da comunidade *queer* e se distanciando das pessoas heterossexuais. O que se dá, depreendo, devido à sua preferência em relacionar-se com mulheres.



**Figura 8** - Alice na festa de Tina.



Fonte: temporada 4, episódio 3.

Também vale destacar como Alice sai para conversar com outras pessoas além de suas amigas, ao que Bette brinca, falando que ela é muito corajosa. Esse comportamento apresentado por Alice, em se misturar com os amigos heterossexuais de Tina, pode ser relacionado à sua personalidade extrovertida, mas também retoma Monaco (2021) ao falar da possibilidade de visualizar pessoas bissexuais como a capacidade de unir os espaços separados de homo/hétero, estabelecendo um diálogo entre os grupos e construindo pontes entre eles. A autora ainda aponta como essa metáfora reproduz o entendimento da bissexualidade como abstrata ou como uma fase passageira. Reconhecendo ou não esse potencial de ponte da bissexualidade, Monaco (2021) ressalta que, apesar de as sujeitas bissexuais terem acesso aos dois lugares, não necessariamente são bem-vindas neles.

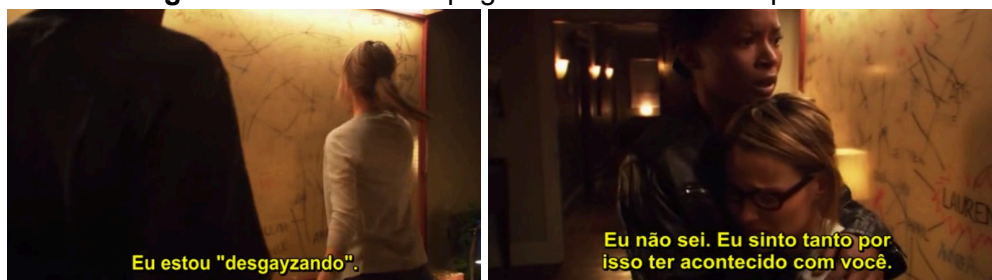
Ainda no episódio da festa de Tina, Alice – para quebrar o clima tenso na sala, que ocorre depois de uma discussão homofóbica entre Bette e alguns amigos de Tina – sugere que eles façam um jogo de celebridades. No jogo, as pessoas heterossexuais não conhecem as celebridades apontadas pelas pessoas *queer*, e vice-versa. Após a festa, e ao chegar no *The Planet* para um evento só para mulheres, Alice, aliviada e em ambiente confortável, diz: “Graças a Deus pelo meu pequeno planeta lésbico”. Essa fala confirma a ressalva apontada anteriormente, de que Alice se distancia de pessoas heterossexuais, ao passo que percebe-se parte da comunidade sáfica. Essa cena será aprofundada no que tange ao pertencimento e à discriminação dupla no subcapítulo 5.4.

Na quarta temporada, Alice conhece Tasha, que está retornando do Iraque, onde atua como parte do exército estadunidense. Alice se interessa imediatamente por ela e as duas começam a se envolver. A partir desse momento da história, vemos tanto a série quanto Alice se envolverem na temática do tabu das sexualidades *queer* no exército dos EUA e explorar a forma como Tasha precisa esconder sua sexualidade para não ser expulsa por conduta homossexual.

O início da quinta temporada marca o grande sucesso de Alice e da plataforma *Our Chart* na comunidade *queer*. É explorado também o seu *podcast*, chamado *Alice in Lesboland* (Alice na Lesbolândia) e que, como ela explica, é um canal para bissexuais e “moças que simpatizam com a homossexualidade”. Repetidas vezes, porém, vemos Alice reforçar que o espaço do *Our Chart* é para lésbicas. Durante esse período da história, Alice também enfrenta a necessidade de, assim como Tasha, esconder a natureza de seu relacionamento, o que acaba sendo difícil uma vez que ela já é uma pessoa pública e assumida. Enfrentando a dificuldade de não poder relacionar-se abertamente com a pessoa que ama, e investigada dentro do processo passado por Tasha dentro do exército, Alice chega a apagar a primeira versão do *The Chart* — que até então estava desenhada no quadro de sua sala — por medo de que ele pudesse ser usado contra Tasha.

Causa estranheza assistir Alice reforçar repetidamente os conteúdos que produz sendo delimitados para lésbicas. Sendo ela uma personagem bissexual, espero um questionamento da delimitação dessas categorias. Um conteúdo lésbico deixaria de ser voltado para mulheres bissexuais que estão em relacionamentos com homens? Deixariam elas de ser bissexuais perante esse contexto? Tanto nessa situação quanto em outras cenas, que serão exploradas no subcapítulo 5.4, a sensação que tenho, enquanto espectadora, é de que o viés comunicado através da personagem é o mesmo que retomo historicamente no capítulo dois: a exclusão de mulheres bissexuais feita em ambientes lésbicos para que se afirme distância dos homens.

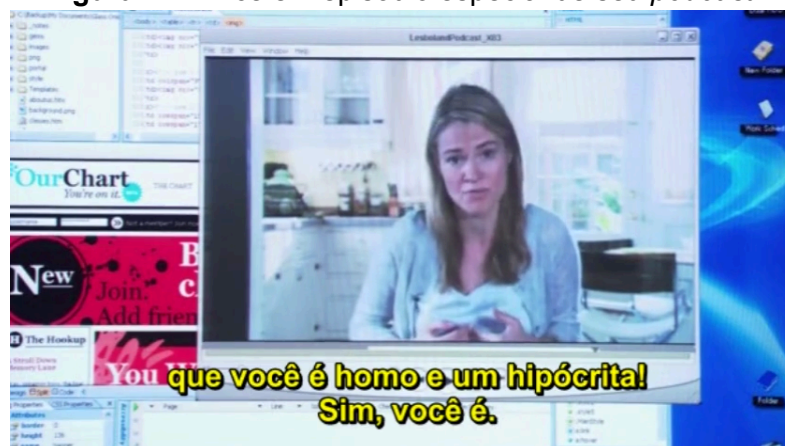
**Figuras 9 e 10** - Alice apagando o *Chart* de sua parede.



Fonte: temporada 5, episódio 4.

No quarto episódio da quinta temporada, o casal vai à uma festa secreta para celebridades que estão no armário. Alice grava secretamente uma cena de Daryl Brewer, jogador de basquete, dançando e beijando outro homem. No episódio seguinte, o atleta aparece na televisão fazendo comentários homofóbicos sobre outro jogador que recentemente havia se assumido. Alice então publica o vídeo que havia feito, sob a justificativa de expor a hipocrisia do atleta — que um dia beija seu namorado em uma festa e no outro alimenta os discursos homofóbicos que contribuem para a dura realidade de pessoas *queer* que são agredidas e mortas todos os dias.

**Figura 11** - Alice em episódio especial de seu *podcast*.

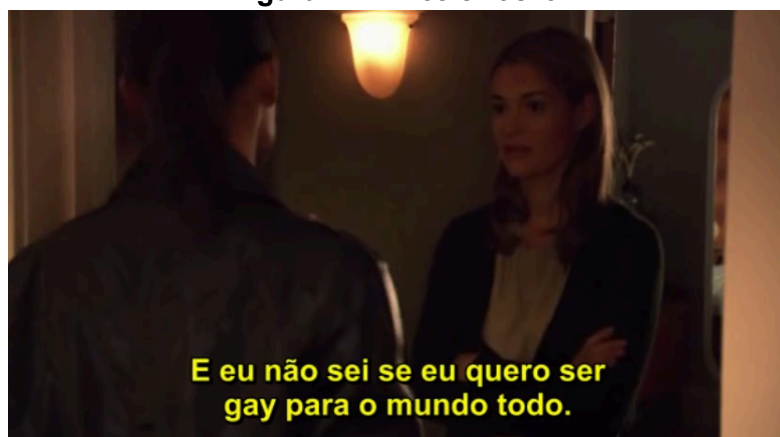


Fonte: temporada 5, episódio 6.

Tasha fica brava por Alice ter tirado uma pessoa do armário contra sua vontade – ainda mais durante o processo de investigação que ela está passando, o que poderia trazer mais atenção para a natureza da relação das duas. As duas brigam e Alice alega que quem concordou em viver no armário foi Tasha, não ela, resultando então no término do relacionamento. No episódio seguinte, Tasha vai ao apartamento de Alice para buscar suas coisas. Alice pede desculpas por ter estragado sua vida, e Tasha diz já ser

gay muito antes delas terem se conhecido. Numa tentativa de ter uma conversa leve, Tasha comenta que ouviu sobre Alice receber uma proposta para participar de um grande programa de TV.

**Figura 12** - Alice e Tasha.



Fonte: temporada 5, episódio 7.

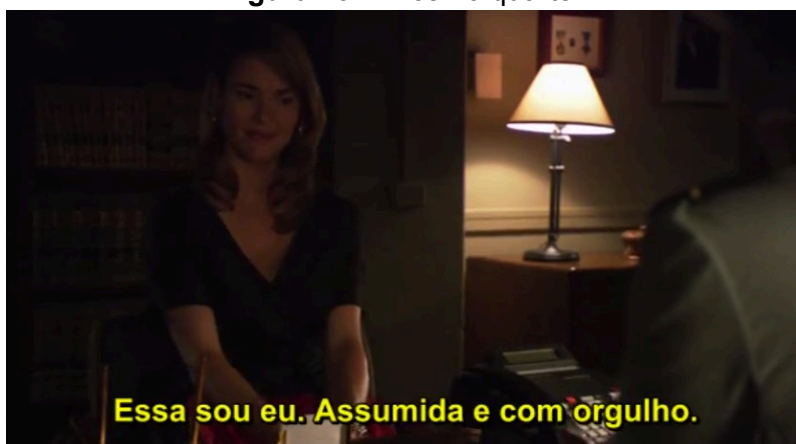
Alice explica que foi apenas uma audição seletiva, mas que não acredita ter futuro na vaga, pois não gostaria de ser a “lésbica substituta” para a outra apresentadora que estava saindo — além de não querer ser a *gay* “assumida, extravagante e audaciosa” em rede aberta que o programa procura. Aqui há um paradoxo no que tange à sexualidade da personagem, que já é assumida e possui visibilidade midiática de um nicho a partir disso, mas parece temer ampliar esse contexto. Compreendendo o enredo em que se dá essa situação, é possível concluir que o medo dela seria, na verdade, em prejudicar Tasha na investigação que está enfrentando.

No sétimo episódio da temporada, Alice aceita a proposta de ser uma entre as três apresentadoras do *The Look*, programa de auditório televisivo. Nesse cenário, ela é pressionada sobre seus princípios jornalísticos. Ao se impor, a equipe de produção chama a atenção de Alice, alegando que a pessoa *gay* que eles buscam para fazer parte do programa precisa ser engraçada, não raivosa. Esse pedido da equipe de produção para Alice explicita, conforme abordado no subcapítulo 2.1, a visão caricata que é costumeiramente esperada das pessoas *queer* na mídia.

Ainda no sétimo episódio, mesmo não estando mais em um relacionamento com Tasha, Alice é chamada para uma conversa com a responsável pela audiência de sua ex-namorada no exército. Ao chegar no

quartel, a mulher critica o atraso de Alice, que alega ter ido assim que possível, visto que possui uma vida. A mulher ironicamente responde: “Ah sim, uma vida que você vive aos gritos”, e Alice rebate: “Essa sou eu. Assumida e com orgulho”. Nesse momento, a personagem resolve o paradoxo explicitado acima e reforça o orgulho que tem de sua identidade.

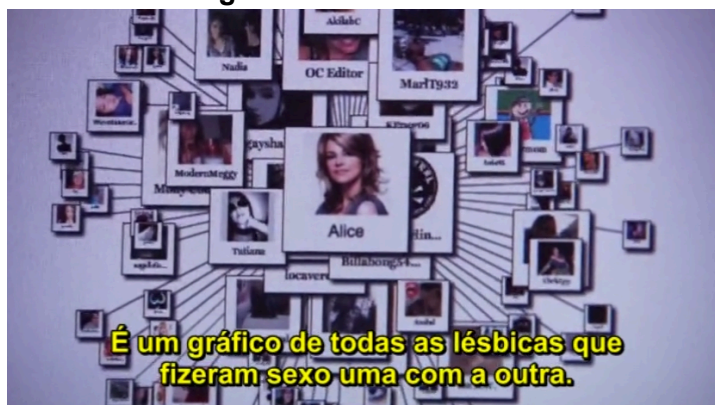
**Figura 13** - Alice no quartel.



Fonte: temporada 5, episódio 7.

No oitavo episódio acontece o julgamento de Tasha, onde Alice é chamada para ser testemunha contra ela. Na cena, utilizam contra Tasha o *site* de Alice, *Our Chart*, e seu *podcast*, onde ela entrevista outras lésbicas sobre suas vidas sexuais, além da sua própria. Os advogados acusam Alice de ser lésbica, o que ela confirma. Alice explica que sua sexualidade não tornaria Tasha lésbica só por serem amigas, mas ao ser perguntada se elas já tiveram relações sexuais, Alice alega que todo o processo é um lixo, uma caça às bruxas e sai do foco das perguntas realizadas. A advogada então pede um recesso e diz que não chamará Alice novamente para depor. A utilização da plataforma criada por Alice contra Tasha justifica o medo que ela apresentou anteriormente.

**Figura 14 - OurChart.com.**

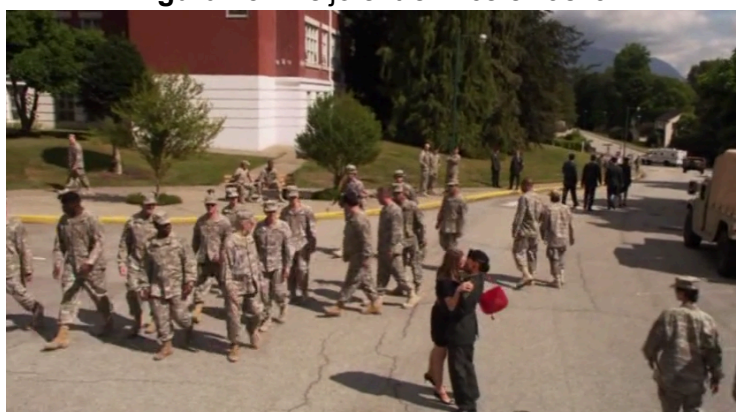


**É um gráfico de todas as lésbicas que fizeram sexo uma com a outra.**

Fonte: temporada 5, episódio 8.

Depois disso, chega a vez de Tasha ser interrogada; mas irritada com toda a situação, ela questiona sobre como pode ir para a guerra e lutar por seu país enquanto sua própria liberdade pessoal é negada por amar outra mulher. Ao final do processo, ela é afastada do exército, mas fica feliz por poder falar abertamente que ama Alice. A responsável pelo processo alega que a liberdade pessoal é algo invejável, mas o sacrifício para assegurar que muitos “americanos possam desfrutar de sua liberdade é uma causa nobre”. Elas se despedem e o casal se beija em público, retomando seu relacionamento.

**Figura 15 - Beijo entre Alice e Tasha.**



Fonte: temporada 5, episódio 8.

A partir de então, é explorada a narrativa do casal, que vai em busca de um lugar para morarem juntas. Porém, começam a surgir problemas sobre a diferença de classe social delas. No início da sexta e última temporada da série, o relacionamento de Alice e Tasha está abalado depois dos acontecimentos anteriores. Tasha arruma suas coisas para ir embora e alega

que “foi excitante e sensual para você quando eu era soldado, mas não temos nada em comum”. Alice discorda e diz que elas tem “isso”, referindo-se à química e sentimento entre elas; e vai em direção à Tasha, insinuando o início de uma cena sexual. Tasha, porém, a interrompe e diz que sabe sobre elas terem isso em comum, mas que não poderia ser tudo. A discussão contínua entre elas, que não conseguem se acertar, faz com que decidam então fazer terapia de casal.

Esse comportamento de Alice pode ser conectado aos estereótipos de personagens bissexuais no audiovisual, conforme apontado no subcapítulo 2.1. A personagem tenta utilizar o sexo para manipular uma situação, até então negativa para ela. Tasha, a mulher lésbica, para e sinaliza que a atitude não está correta. Esse cenário ainda vai ao encontro da grande sexualização que acontece dos corpos femininos no seriado, sempre dispostas a transar, independente da situação.

Paralelamente a isso, Alice incentiva Helena a conhecer novas pessoas e, junto com Tasha, planeja um encontro às cegas entre Helena e Jamie, diretora do Centro para Gays e Lésbicas de Los Angeles. Na noite do jantar, Helena, ainda sem superar sua ex-namorada, dá uma desculpa para ir embora. A partir de então vemos cenas em que tanto Alice quanto Tasha aparecem flertando com Jamie. As três passam a sair juntas em diversos momentos. Em uma conversa no *The Planet* entre Alice, Bette e Tina, o casal alerta que Alice e Tasha estão tendo se envolvendo com uma terceira pessoa. Elas alegam que no início pode ser algo divertido, mas deixam Alice assustada com a possibilidade de que Tasha termine com ela para ficar com Jamie. Kit e Helena se juntam na conversa e Kit ainda diz que isso é perigoso.

Podemos também pensar nesse questionamento das amigas referente à dinâmica entre Alice, Jamie e Tasha sob a ótica da monogamia compulsória, conforme apontado por Rich (1980). Bette, durante a série, constrói um histórico de mentiras e traição; bem como Kit, que chega a se relacionar com um homem casado. Porém, o que gera preocupação e motivo de aviso, para elas, é a possibilidade de uma relação que foge à norma monogâmica. Alice não parece estar preocupada com a possibilidade de um

envolvimento entre as três, mas a partir desse momento, passa a temer a possibilidade de “ser trocada” por Jamie.

Durante um evento beneficente organizado por Alice para arrecadar fundos para o Centro de Gays e Lésbicas de Los Angeles, que será explorado no subcapítulo 5.4, Alice começa a sentir ciúmes de Tasha com Jamie; e ao final, questiona Tasha, que alega que não a trairia. Alice pergunta se Tasha quer ficar com Jamie, mas Tasha insiste que não sabe e que não está pronta para deixar Alice ir embora. As três então conversam sobre a situação e Alice pede que elas sejam sinceras sobre seus sentimentos. Jamie admite gostar de Tasha, mas pede para que elas não terminem por sua causa. Alice diz que as duas deveriam dar chance uma para a outra e vai embora.

No último episódio da série, todo o grupo de amigas está reunido na casa de Bette e Tina para a despedida do casal antes de ir para Nova Iorque. Tasha chega atrás de Alice e diz que não vai a lugar algum, insinuando o retorno da relação delas. Na fala de Alice no episódio especial produzido pelo *Showtime*, conforme apontado no item 5.1, fica implícito que o “relacionamento com a garota dos meus sonhos” se refere, portanto, à Tasha.

A partir da análise da série, Alice poderia ainda ser considerada uma heroína simpática, conforme Morin (2005). Essa personagem é admirada e amada, vide o sucesso fora das telas do *Our Chart*. Através de sua narrativa, são abordados com leveza e humor temas importantes. À ela cabe apaziguar e expiar os preconceitos de Dana, que apesar das diversas falas bifóbicas, vem a ser objeto de amor e dedicação de Alice. E ao final, Alice se beneficia do *happy ending* com a “garota de seus sonhos”.

#### 5.4 *Our Chart*

Nesse subcapítulo, exploro como se dá a discriminação dupla no que tange à bissexualidade de Alice. Ao longo da análise, é possível perceber que Alice possui um papel como agente de discriminação quando sua amiga Tina começa a questionar e explorar a possibilidade de se relacionar com homens.

Conforme citado anteriormente, Alice afirma sua sexualidade desde o primeiro episódio. As próximas três cenas apresentam a forma como suas



amigas, especialmente Dana, compreendem a bissexualidade de Alice em um lugar de indecisão.

Em uma cena no primeiro episódio da série, Tina chega ao *The Planet* no dia seguinte a uma tentativa de inseminação caseira. Alice a recebe com alegria e a dirige para uma cadeira na mesa onde Dana já estava sentada. Tina, em tom de decepção, conta que o esperma de Sean, o doador, não possui mobilidade, tornando praticamente nula a possibilidade de sucesso da gravidez. Alice recebe a notícia com surpresa e responde: “Meu Deus! Você jamais saberia pelo jeito que ele transa”, deixando subentendido que ela já havia se relacionado sexualmente com ele. Dana, com uma mistura de nojo e frustração, vira-se para Alice e diz: “Cristo, Alice! Quando você irá se decidir entre pênis e vagina, e nos poupar os bizarros detalhes bissexuais, por favor?”. Alice, calmamente, responde: “Bem, para sua informação, Dana, estou procurando as mesmas qualidades num homem ou numa mulher”, ao que Dana ironicamente responde: “Peitos grandes!”, dá risada e a conversa entre elas continua.

Nessa cena, Dana combina diversas problemáticas em uma única fala. Explicita a ideia de que Alice precisaria escolher, apontando que sua bissexualidade seria um caso de indecisão, enquanto coloca essa identidade num local que lhe é estranho e grotesco. Vale ainda ressaltar que a fala de Dana considera e naturaliza um viés genitalista onde a objetificação do desejo é centrada a partir da anatomia um pensamento binário que também considera os órgãos genitais como definidores da identidade de gênero, o que se quebra frente à transgeneridade.

**Figura 16** - Dana e Alice no *The Planet*.



Fonte: temporada 1, episódio 1.

No quarto episódio da temporada, Alice conhece Lisa, um homem cisgênero que se identifica como lésbica. Ambos começam a se envolver e, no sexto episódio, quando o grupo de amigas vai para uma noite de jogos na casa de Tina, vemos a seguinte cena: Lisa levanta-se da mesa para ir ao banheiro, e ficam na mesa Dana, Lara, Alice, Tina, Kit e Shane. Dana então pergunta para Alice: “Ok. Me conta... qual a fofoca? O homem lésbico está saindo com a falsa bissexual?”

**Figura 17** - Dana questiona Alice.



Fonte: temporada 1, episódio 4.

Alice, irritada com o comentário de Dana, joga um amendoim em sua direção e responde: “Eu sou bissexual!” Lara entra na conversa para dizer que ficou confusa, e Dana explica: “Ok, Lisa é um homem que se identifica como lésbica”, e Lara questiona Alice: “Então, o que é isso, como um transexual?”, ao que Alice apenas responde “não” enquanto sorri

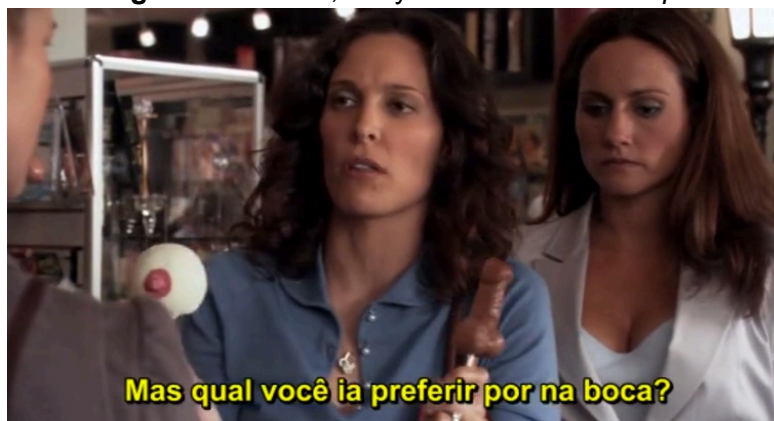
forçadamente. Dana então fala: “Fico pensando como ele faz xixi”. Ela respira fundo e, ironicamente, diz: “Sentado? Não sei. O que acha, Shane?”. Enquanto toma um gole de cerveja, Shane responde de forma despreziosa: “Eu nunca fiz xixi com ele. Não sei”. As meninas trocam olhares e Tina pergunta para Alice: “Só quero saber uma coisa, você está a fim dele como lésbica ou como homem?” Enquanto Alice ensaia uma resposta, Dana interrompe e diz: “Talvez você devesse se chamar de trissexual?”. Kit, uma mulher negra e a única heterossexual do grupo, então dá um suspiro e entra na conversa: “Droga, o que há com vocês e essa necessidade de separar tudo e processar cada mínimo detalhe?” Durante essa fala, Lisa retorna para a mesa e senta-se ao lado de Alice; eles trocam olhares e sorriem. Kit continua: “Se o cara quer desistir de seus direitos de homem branco e ser um cidadão de segunda classe, então, ei, seja bem-vindo ao nosso mundo!”. A cena foca em Dana, que olha para Alice e Lisa com desaprovação; enquanto Lara, atrás dela, está sorrindo e balançando a cabeça em concordância com Kit. Dana então fala: “Ok, ela está certa! Saúde! Bem-vindo ao clube!” e todos brindam; Shane diz: “Bem-vindo! Bem-vindo às portas do céu!”. Alice e Lisa trocam olhares, mas Alice parece desconfortável.

Neste momento, Dana evidencia que a bissexualidade de Alice representa uma indecisão e aponta diretamente que essa é, de fato, falsa. Reforçando o viés de camuflagem sexual, Dana deixa implícita sua visão de que, a partir do momento em que Alice se relaciona com um homem, ela passaria a ser, portanto, heterossexual. Ainda é possível inferir, a partir da fala de Tina, que a identidade bissexual não é válida por si só. Caso Alice estivesse interessada por Lisa exclusivamente por este se identificar como lésbica, seria ela menos bissexual? Ou caso sua atração acontecesse por ele se identificar como homem cis? A busca incessante por uma definição do que é a sexualidade de Alice, sem considerar a possibilidade da bissexualidade como uma sexualidade própria e completa, vai ao encontro da problemática apresentada ao longo do capítulo dois.

Ao longo da segunda temporada, vemos Alice começar um envolvimento extraconjugal com Dana que, neste momento, está noiva de

Tonya. No quinto episódio, as três estão em uma *sex shop* para comprar as lembrancinhas da despedida de solteiras do casal, que está preparando o casamento. Tonya vê uma cesta com chocolates em formatos de pênis e peitos; e, brincando, simula realizar sexo oral no chocolate em formato de pênis. Dana fica muito incomodada com a brincadeira e Tonya fala para Alice brincando: “Ela não é fã...”; e, levando o chocolate em direção à Alice, pergunta provocativamente: “Mas eu acho que isso faz mais o seu tipo, não é, Alice?” Ela responde: “Na verdade, Tonya, isto pode ser mais a minha cara” e pega um chocolate em formato de peito. Tonya questiona: “Mais do que esse?” indicando o chocolate em sua mão e Alice responde: “Sim, talvez um pouco” e elas ficam se encarando e questionando por um momento, quando então Dana as interrompe, pega os dois chocolates na mão e segurando-os em frente a Alice, questiona: “Mas qual você ia preferir pôr na boca?”. Alice fica incomodada com a pergunta e Tonya solta um suspiro e diz: “Ah! Eu não entendo vocês, bissexuais. Quer dizer, vocês têm que se decidir!” e puxa Dana para continuarem as compras em outro lado. Antes de sair de cena, Dana diz: “Vocês têm que se decidir”, e Alice irritada arranca o chocolate em formato de peito da mão de Dana. Novamente é explorado o viés do genitalismo e da bissexualidade como indecisão.

**Figura 18** - Dana, Tonya e Alice na *sexshop*.



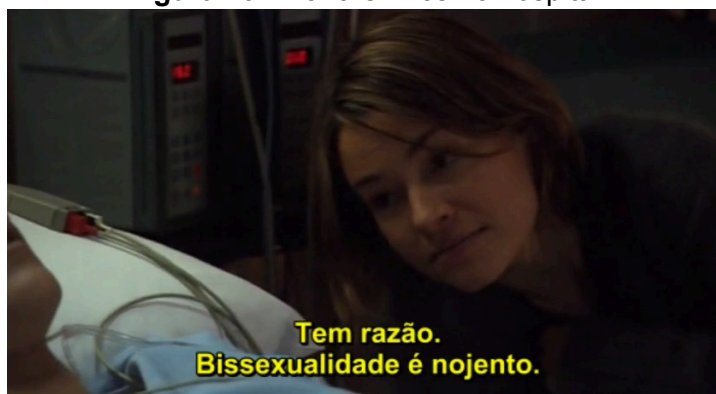
Fonte: temporada 2, episódio 5.

Posterior ao término de Alice e Dana, na terceira temporada, Alice aparece se relacionando com outras mulheres. Quando Dana descobre que está com câncer de mama, conforme apontado no tópico 5.2.1, ela termina com Lara e é cuidada por Alice durante o processo. No décimo episódio da

temporada, Dana, muito fragilizada, está no hospital e Alice não sai do seu lado. Tina vai visitá-las e pegar algumas roupas de Alice para lavar; depois ela irá sair para se encontrar com Henry, seu novo namorado, e pergunta se está bem vestida, ao que Alice concorda. Quando Tina se retira do quarto, Alice vira para Dana e, em tom de brincadeira, diz que agora entende o que Dana fala sobre a bissexualidade ser nojenta. É importante pontuar que, nesse momento, Tina apresenta comportamentos bissexuais, mas não utiliza do termo para autoidentificação.

Estando Dana à beira da morte, a escolha desse comentário, como motivo de piada, demonstra o desejo de Alice em conectar-se com ela através de um autoflagelo. Como quem permite que a personagem morra com a razão e a certeza de que todas as vezes em que invalidou a sexualidade de Alice estariam perdoados. Não se deve, porém, confundir esse movimento com uma possível generosidade por parte de Alice, mas compreendê-lo como reflexo dos constantes questionamentos que levam a essa conflitante bifobia internalizada.

**Figura 19** - Dana e Alice no hospital.



Fonte: temporada 3, episódio 10.

Para facilitar a leitura da pesquisa, apresento aqui tudo que sabemos sobre a sexualidade de Tina: relacionava-se apenas com homens e se identificava como heterossexual até conhecer Bette; fica implícito que elas se envolveram enquanto Tina estava com um homem, com o qual logo terminou e elas começaram a namorar; depois de oito anos com uma mulher, Tina passa a se questionar sobre a atração por homens novamente; aparece seu

envolvimento com Josh, Henry, e um terceiro homem anônimo *online*, com o qual se engaja em sexo virtual.

Esse contexto vai ao encontro do que aponta Shaw (2023), no capítulo dois, quando atenta ao cuidado com as representações e a falta de modos reconhecíveis para sinalizar a bissexualidade; ao passo que, dentro dos diálogos e relacionamentos explícitos vividos por Tina, poderíamos facilmente compreender essa personagem, que apresenta atração por múltiplos gêneros, como bissexual. Até mesmo os estereótipos que geram incômodo estão presentes: a indecisão, a traição que leva à falta de confiança, a ideia exposta por Bette de que Tina precisa “resolver” o que sente, entre outros. Porém, no quarto episódio da quarta temporada, Tina se autoidentifica como lésbica e temos uma mudança desse cenário.

Na quarta temporada é também explorado o quão popular se tornou o *The Chart*, especialmente quando Papi, uma mulher misteriosa com mais de mil conexões, entra na plataforma. Alice desperta seu interesse em conhecer a mulher que possui mais conexões do que Shane – famosa por ser incapaz de ficar com apenas uma mulher. No segundo episódio, em uma cena no *The Planet*, Tina chega quando Alice está procurando por Papi *online*.

Tina fica perdida no assunto sobre Papi, que nesse momento já é popular entre as amigas do grupo, e Alice pergunta por onde ela tem andado. Tina ri e senta-se à mesa com ela. Alice, em tom de brincadeira, diz: “Oh, é verdade: presa na heterolândia”, Tina continua em tom de brincadeira: “Uhhh, dá tanto medo!” As duas riem quando Alice brinca: “Uhhh, assustador”, e Tina responde: “Creio que me lembro de te ver espreitando por lá há alguns anos atrás”. Alice alega: “Mas recuperei o bom senso, essa é a diferença entre você e eu”.

Essa fala de Alice explicita uma incoerência de sua parte ao considerar que Tina não estaria exercendo sua bissexualidade, mas presa à identidade heterossexual.

**Figura 20** - Alice e Tina no *The Planet* parte 1.



Fonte: temporada 4, episódio 2.

Já no décimo segundo episódio da terceira temporada, na preparação para o casamento de Shane e Carmen, as amigas Bette, Jenny, Alice e Helena ajudam Carmen a encontrar um vestido. Na cena elas conversam sobre o casamento de Jenny, que conta sobre a fuga com Tim, seu ex-marido. Bette diz que esse não é exatamente o sonho que se tem na infância e Jenny responde, diferente do que se supõe que todas as meninas devem fazer, ela nunca teria aspirado se casar. Alice complementa: “Não as meninas *gays*”. Na mesma cena, Bette conta sobre como ela e Tina não chegaram a se casar, pois Tina achou que seria muito convencional e não queria se prender ao esquema heterossexual. Alice, em referência ao fato de que agora Tina está namorando com um homem, responde: “E agora ele se prendeu nela”.

**Figura 21** - Helena, Jenny, Bette, Carmen e Alice.



Fonte: temporada 3, episódio 12.

Na cena apresentada acima, podemos ver elementos de articulação com a heterossexualidade compulsória, conforme articulado por Rich (1980). A ideia de que uma vida completa envolve o casamento com um homem é evidenciada na conversa das amigas como uma forma de controle de consciência: desde criança, as meninas são ensinadas a aspirar ao casamento, desde que esse seja com um homem.

Tanto na cena da loja de vestidos, quanto na cena do café em conversa com Tina, é possível perceber o desdém que Alice tem em relação ao fato de que a amiga agora está em um relacionamento com Henry. Sendo Alice uma personagem bissexual, causa estranheza que, além de apontar a bissexualidade como algo nojento, ela também acabe alimentando o distanciamento entre Tina e o grupo. E sendo Alice uma personagem criada por Ilene Chaiken, depreendo que isso se dá através de um viés bifóbico, sendo explorado repetidamente dentro da narrativa, por meio de uma personagem bissexual.

Adentrando a quarta temporada, no quarto episódio o grupo de amigas se reúne para um jogo de basquete contra Papi e suas amigas. Estão presentes Helena, Bette, Alice, Jenny, Shane e Kit. Quando Tina chega atrasada, Bette questiona o que ela estaria fazendo ali, ao que ela responde que decidiu jogar. Jenny então diz que o jogo é para lésbicas, ao que Kit, heterossexual, pergunta: “Ei, e quanto a mim?”. Alice, brinca que Kit é uma lésbica<sup>29</sup> também e por isso poderia estar ali. Tina responde: “Sem problemas, Jenny, eu ainda me sinto uma lésbica” ao que Jenny rebate com: “Pode até ser, mas quando você anda na rua com seu namorado, segurando a sua mão, desfrutando de todos os privilégios do mundo hétero, você deixa de ser uma lésbica”. Alice então diz: “Isso faz dela uma bissexual”.

---

<sup>29</sup> Não fica clara a intenção de Alice em chamar de lésbica a única pessoa heterossexual do grupo.



**Figura 22** - Alice sugere bissexualidade de Tina.



Fonte: temporada 4, episódio 4.

Tina, porém, diz que na verdade pensa em lésbica como uma identidade política. Jenny argumenta que não é verdade e que não é sobre quem ela vota, mas com quem ela dorme. Papi, diferente das demais sáficas em cena, interrompe a conversa para dizer que não se importa com quem Tina transa, mas que elas deveriam começar o jogo. As meninas então terminam o assunto e Tina entra para o jogo no time de Papi.

**Figura 23** - Tina se autoidentifica lésbica.



Fonte: temporada 4, episódio 4.

Nesse momento, além de reforçar dúvidas que pairam no que diz respeito a gênero e sexualidade dentro da comunidade *queer*, a necessidade de categorizar a sexualidade dos indivíduos acaba por gerar relações de poder e exclusão. De modo similar à Piper Chapman, conforme apontado no capítulo dois, aqui fica explícito que Tina nunca usou o termo “bissexual” para se referir a si mesma. Também fica explícita a falta de apoio do seu grupo em relação à possibilidade de uma identidade bissexual. Porém, dentro da

pesquisa considero interessante a escolha de Tina em reforçar sua identidade como lésbica e não bissexual, por considerar a primeira uma identidade política. Isso leva à pergunta: ser bissexual não é “político” o suficiente?

Compreendendo que uma identidade que foge à norma heterossexual nunca poderia deixar de ser política, Shaw (2023) aponta uma pesquisa feita em 2021 que explora as experiências de agressão sexual sofridas por diferentes mulheres bissexuais. Muitas participantes do estudo atribuem a visibilidade de suas identidades à agressão sexual, indo ao encontro das questões sobre violência evidenciadas no capítulo dois. A pesquisa leva em consideração o aspecto do estupro corretivo, e contém relatos sobre mulheres bissexuais que foram abusadas tanto por homens, quanto por outras mulheres – o que justificam por dois motivos: para que se tornassem “lésbicas completas” ou hétero. De todo modo, nenhuma pessoa agressora acreditava que a bissexualidade fosse uma identidade própria, e o estudo conclui que essas mulheres foram agredidas especificamente por serem bissexuais.

Shaw (2023) ainda explicita, através dos resultados de outro estudo, de 2009, que, nos Estados Unidos, Canadá e Austrália, o asilo de refugiados com base na bissexualidade tem menor probabilidade de ser aprovado em relação a outros grupos de minorias sexuais. Isso reflete a incapacidade de tomadores de decisão em compreender a bissexualidade, ou mesmo apresentando vieses negativos em relação às pessoas bissexuais. Para Shaw (2023), a mensagem é clara: bissexuais não são *queer* o suficiente para merecerem proteção.

Por outro lado, além do contexto político apresentado, é importante lembrar que dois dos nomes mais relevantes quando falamos da Rebelião de Stonewall<sup>30</sup>, Marsha P. Johnson e Sylvia Rivera, foram ativistas dos direitos de pessoas travestis, não brancas e bissexuais. Com isso em vista, pode parecer que Chaiken, autora da série, tenha optado por não levar a sério a importância política da identidade bissexual como parte da história, a fim de

---

<sup>30</sup> Manifesto de três dias contra a violência policial, a demonização e a patologização da comunidade *queer* em 1969. Sua data de início, 28 de junho, hoje celebrado o dia do Orgulho LGBTQIAP+, marca o momento em que nasce o movimento atual pelos direitos civis LGBTQIAP+.

fortalecer a identidade lésbica dentro da série. Não se trata de uma crítica direcionada à essa identidade, que também enfrenta diversos preconceitos e estereótipos socioculturais e na mídia; porém, é importante considerar a possibilidade de que, para fortalecer uma identidade marginalizada, não seja necessário que outras minorias tenham seu lugar reforçado nas margens.

Em continuação ao papel de Alice enquanto agente de discriminação dupla, no sétimo episódio da temporada, Papi questiona porque ela está tratando Tina tão mal. Alice justifica o comportamento falando que “ela voltou a ser hétero, é como se ela tivesse nos traído”. Mais uma vez, causa estranheza que uma personagem bissexual seja incapaz de validar a bissexualidade de outra pessoa, especialmente de uma amiga próxima.

**Figura 24** - Alice e Papi.



Fonte: temporada 4, episódio 7.

No início da quinta temporada, Alice e Shane ajudam Tina na missão de voltar a namorar; as amigas pedem para que ela não volte a se relacionar com homens. Tina responde às amigas dizendo estar interessada em mulheres, mas que é difícil encontrar uma após Bette. A partir de então, até o final da série, não vemos mais Tina se envolver com homens, ao passo que aparece em alguns encontros com outras mulheres ao decorrer da quinta temporada, até que se envolve em um caso extraconjugal com Bette – que posteriormente termina seu relacionamento para ficar com Tina.

Aqui se faz necessário retomar que, conforme apresentado no capítulo dois, pessoas bissexuais possuem menor probabilidade de sair do armário, o que gera diversas consequências no que tange à saúde mental. Porém, como aponta Shaw (2023), isso não significa que as pessoas bissexuais vão se

apresentar exclusivamente como heterossexuais. A autora elabora que, devido à discriminação dupla, na verdade, é maior a probabilidade de que essas pessoas se apresentem como lésbicas ou *gays* quando estão inseridas no ambiente *queer*, o que também afeta o bem-estar psicológico dessas pessoas que ficam então no armário bissexual.

Além do cenário apontado acima, o início da quinta temporada, conforme mencionado no item 5.3, é marcado pelo grande sucesso de Alice e da plataforma *Our Chart* na comunidade *queer*. Novamente, apesar de se tratar de uma personagem bissexual, vemos repetidas vezes Alice reforçar que o espaço do *Our Chart* é para lésbicas. Além da contradição da personagem, esse posicionamento de Alice gera alguns atritos com Max, personagem transmasculino.

Em uma gravação do *podcast*, no primeiro episódio da temporada, Max explica para Phyllis o que significa a letra T na sigla LGBT<sup>31</sup>. Eles conversam sobre a transição de Max e, apesar de Alice se mostrar brevemente interessada na experiência dele, ela chama a atenção para a possibilidade de estarem fugindo do contexto do *podcast*. Max questiona o porquê da temática estar fora de contexto, ao que Alice reforça que é um espaço para lésbicas. Max rebate: “Eu achei que o *Our Chart* fosse para todo mundo. É ‘*Our Chart*’, isso não sugere que todo mundo está incluso?”. Alice hesita e tenta explicar como é mais uma questão técnica, mas afirma que sim, é para todos. No episódio seguinte, Max procura Alice para contar que fez um conteúdo sobre transgeneridade para ser postado no *Our Chart*, mas Alice, envolvida em outros assuntos, não lhe dá atenção.

No quarto episódio da temporada, Max então decide por conta própria realizar a publicação no blog disponível dentro do *site*. Ele recebe comentários transfóbicos de mulheres lésbicas que alegam não querer saber sobre seu processo de transição. Apesar de chateado com os comentários, Max acredita que o conteúdo poderá educar as pessoas a respeito da transgeneridade. Alice, porém, liga para ele e informa não ter gostado dele ter feito a publicação sem sua autorização; mas diz que ele pode continuar publicando, contanto que não utilize o espaço de criadoras de conteúdo

---

<sup>31</sup> Sigla utilizada na série.

lésbicas. Max questiona a decisão de Alice, que alega mais uma vez que o *site* é para lésbicas e não quer ser “bombardeada por comentários de lésbicas que fiquem incomodadas com o lance de transgênero”. Max fica ofendido e diz que Alice não pode segregar pessoas trans da comunidade lésbica. Alice tenta explicar, mas acaba sendo interrompida.

Diferente do que vemos em relação ao tratamento de Alice para Tina e suas nuances de sexualidade, no nono episódio da quinta temporada, Alice faz um episódio do *podcast* junto com Max para se desculpar publicamente pelo ocorrido e pelas coisas desagradáveis que falou. Max expõe que o que foi dito por ela era mais do que “desagradável”, pois daria a entender que ele não faz parte de sua comunidade. Alice conta como uma mulher lésbica, diretora do Centro Nacional pelos Direitos das Lésbicas, chamou sua atenção sobre o erro que cometeu; e que Alice estaria “fazendo merda sem razão”. Max questiona Alice sobre não entender a importância dessa inclusão (visto que Alice é bissexual e se faz inclusa dentro da comunidade), e Alice diz entender, mas que acha ser coisas muito diferentes e “ser bissexual é mais natural do que ser trans, que é um tema mais difícil das pessoas aceitarem”. Max, irritado, responde:

O principal argumento contra a homossexualidade é de que não é natural. E isso não nos faz homens ou mulheres realmente. E acho que se quer falar [na plataforma] de sexismo, homofobia, direitos reprodutivos e todas as outras coisas, acho que deve aceitar, deixar de marginalizar os trans (*The L Word*, 2004, temporada 4, episódio 4).

Alice escuta o que Max diz e concorda com ele, pedindo desculpas mais uma vez. Como apontado no capítulo três, a transgeneridade representa a destruição da binaridade do gênero homem/mulher. Embora pessoas trans também possam ser bissexuais, através desse enredo é explicitado os atritos que ainda acontecem dentro da comunidade *queer* quando se trata da transgeneridade; e, mais uma vez, vemos Alice como uma personagem agente na reprodução de preconceitos.

É inegável, porém, que ao longo da série Alice sente-se mais à vontade em ambientes *queer*. Sua relação com pessoas e ambientes heterossexuais parece limitada ao seu trabalho na rádio e, posteriormente, no

*The Look*; a Kit Porter; e à cena do terceiro episódio da quarta temporada, quando o grupo de amigas vai à festa organizada por Tina para unir seus amigos heterossexuais e *queers*. Apesar da tentativa de se misturar, porém, como apontado no item 5.3, volto a frisar que ela não parece confortável, como vemos traduzido através de cena citada anteriormente, onde chega no *The Planet* para um evento exclusivo de mulheres sáficas e agradece por seu “planeta” lésbico.

**Figura 25 - Alice, Bette e Helena.**



Fonte: temporada 4, episódio 3.

Ainda no cenário da festa de Tina na casa de Henry, um homem heterossexual diz dar todo apoio ao assunto *queer* quando se trata de mulheres. A ideia de dois homens juntos é que seria um problema para ele. Novamente é evidenciada a fantasia perfeita de como se devem comportar mulheres bissexuais, e como a representação da bissexualidade no audiovisual é feita para o benefício do olhar masculino. Com exceção de sua relação de amizade com Kit, os demais sempre explicitam estereótipos e preconceitos partindo de pessoas heterossexuais, de modo que Alice passa então, de alguma forma, por discriminação dupla.

No terceiro episódio da sexta temporada da série, em continuação ao trabalho de Alice no *The Look*, vemos uma cena em que ela utiliza a plataforma do programa em defesa das pessoas LGBTQIAP+ – opondo-se às cenas que vimos até então, que a colocam reproduzindo preconceitos dentro da própria comunidade. Direcionando-se à audiência, ela fala que sabe ser percebida por eles como “a guardiã desses pequenos segredos maldosos

sobre pessoas *gays*”, mas compartilha ter recebido uma carta de uma fã que a fez repensar esse papel. Alice então lê ao vivo a carta: a fã relata que seu irmão esteve em coma por três semanas antes de falecer devido a um tiro no rosto — que levou de um homem após escrever uma declaração de amor para ele. Após ler a carta, Alice complementa dizendo que sabe já ter justificado tirar alguém do armário anteriormente como um ato político, mas reconhece que, embora acredite que o mundo seria melhor se as pessoas se sentissem livres e seguras para serem quem são, isso ainda não é realidade. Ela continua falando sobre como algumas pessoas escolhem permanecer no armário por outras razões; uma delas é que “a homofobia ainda está viva e bem; e em várias vezes nesse país, pode ser mortal”. E como sabemos, tal assertiva também é válida em outros países, como é o caso do Brasil.

A produção do programa desaprova a atitude de Alice. Triste, ela conta para Tasha que expor crimes de ódio não fazem parte do perfil “*gays* engraçados” que o programa procurava, mas de “*gays* depressivos”; e, por isso, será demitida. Ela fica chateada com a possibilidade de ter que pedir desculpas para os produtores do programa caso queira manter seu emprego. Porém, nesse momento, ela recebe uma ligação do Centro para *Gays* e Lésbicas de Los Angeles, que pede que ela vá até lá imediatamente. Chegando no Centro, Alice é recebida por Jamie, diretora do Centro, que lhe dá um abraço e agradece sua fala no programa: “Você não faz ideia do quanto isso significa”. Jamie então pede que Alice e Tasha a acompanhem até o terraço onde está Marie, a fã que escreveu a carta para Alice, e que está ameaçando cometer suicídio. Em um primeiro momento, Alice reluta o pedido de Jamie em conversar com Marie, alegando não estar preparada para impedir o suicídio de uma adolescente. Jamie argumenta que Alice é a heroína da jovem, pois dá esperança de que uma pessoa assumida possa ser bem sucedida. Alice, movida pela fala de Jamie, se aproxima de Marie para conversar. Ela conta para a jovem que será demitida, pois os produtores do programa não gostaram dela ter lido a carta da jovem no ar. Marie se desculpa, mas Alice diz que milhões de pessoas ouviram a carta dela, com isso Marie teria mudado um pouco o mundo. Alice continua falando como ela pode continuar mudando o mundo se estiver viva. A jovem questiona se é

isso que Alice está tentando fazer, salvar o mundo. Alice responde: “Eu não sei, talvez esteja, do meu próprio jeito”. Após a conversa, Marie desiste do suicídio.

A partir desse momento, Alice começa a ser mais engajada na defesa dos direitos de pessoas *queer*. No sétimo episódio dessa temporada, ela organiza um evento beneficente para arrecadar fundos para o Centro de Gays e Lésbicas de Los Angeles. Para contexto da série e seu posicionamento no engajamento político, trago o discurso feito por Jamie na abertura do evento:

Há milhares de jovens lésbicas, *gays*, bissexuais e transsexuais vivendo nas ruas de Los Angeles, mas estamos aqui por eles. Para tirá-los da rua, alimentá-los, aquecê-los, aconselhá-los e comunicarmos que eles não estão sozinhos. Nós somos uma família e vamos ficar juntos! (*The L Word*, 2004, temporada 6, episódio 7).

Conforme apresentado ao longo desta análise, percebemos que a bissexualidade é representada enquanto indecisão, algo que não é compreendido enquanto completo e por vezes nem mesmo considerado uma possibilidade real de identificação. As duas cenas acima, especialmente, explicitam a necessidade da representação positiva de pessoas bissexuais nos meios de comunicação de massa.



## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa se propôs a analisar a representação da bissexualidade feminina em *The L Word* através da personagem de Alice Pieszecki, buscando tensioná-la com a perspectiva das teorias *queer* e das epistemologias bissexuais. Para isso, utilizei articulações entre a bissexualidade e o audiovisual. A escolha do objeto parte da compreensão da importância dos produtos comunicacionais, combinada com o papel da mídia na criação de identidade. Através da pesquisa é possível perceber a conexão que há entre a criação de estereótipos no imaginário da sociedade e os preconceitos que são reproduzidos por tal na intenção de reforçar a hegemonia cis-heterobinária.

Assim sendo, no segundo capítulo busquei trazer uma retomada histórica que amplia o panorama acerca da bissexualidade enquanto sexualidade e identidade, bem como as ramificações do apagamento epistemológico da bissexualidade e os seus efeitos na perspectiva social e comunicacional de uma forma ampla. Com isso, foi possível evidenciar como a crescente visibilidade de personagens LGBTQIAP+ nas mídias audiovisuais ainda não é capaz de traduzir, em sua representação, tamanha diversidade presente nessa comunidade sem que reproduzam estereótipos negativos. Esse cenário tornou possível situar como *The L Word* poderia, ou não, romper com preconceitos.

No terceiro capítulo, adentro as teorias *queer* e as epistemologias bissexuais como contraponto no diálogo com essa hegemonia. Demonstrando, assim, que a falta de visibilidade da bissexualidade na mídia e na sociedade também pode ser encontrada em produções acadêmicas. Através desse apanhado teórico, foi possível perceber a bissexualidade como um objeto que desafia as certezas do binarismo homossexual/heterossexual até mesmo em estudos *queer*.

Para investigar como a narrativa da bissexualidade no seriado *The L Word* é construída através da personagem de Alice Pieszecki, foi aplicada a análise de imagens em movimento (Rose, 2008) e análise de filmes de Denzin (2004, *apud* Flick, 2009). Ao assistir as seis temporadas da série,

foram separadas cenas dentro dos enredos para evidenciar momentos do seriado nos quais a sexualidade dessa personagem é marcada, tanto direta quanto indiretamente; além de ressaltar as articulações de discriminação dupla dentro da série.

Alice, personagem que foge dos estereótipos negativos e se apresenta como uma bissexual assumida e orgulhosa, carrega traços de uma bissexualidade que é invisibilizada social e academicamente. Por diversas vezes possui sua identidade invalidada, questionada, sexualizada, caçoada e invisibilizada; em outras, invalida a si mesma. Através dessa personagem ainda são explicitados vieses e comportamentos bifóbicos e transfóbicos, conforme apontado ao longo do capítulo cinco.

O seriado *The L Word* demonstra como até mesmo uma produção feita por pessoas da comunidade *queer*, para o público *queer*, com a premissa de ser inclusiva, ainda é passível de reforçar a marginalização de minorias sexuais e, no caso da bissexualidade, contribuir para bifobia, seja ela internalizada ou não. Reforçada como um local de passagem e confusão, a bissexualidade não é considerada uma possibilidade real de identificação, o que é reforçado até mesmo quando personagens à volta de Alice apresentam comportamentos bissexuais.

A série, apesar de se aprofundar nos costumes e cotidianos da comunidade *queer*, especialmente sáfica, ainda excede a sexualização das personagens como uma forma de enfrentar dilemas e gerar entretenimento. Conforme apontado no quinto capítulo, a identidade bissexual não parece ser levada a sério em sua relevância política dentro da série. Alice, apesar de se impor como bissexual, tem na pessoa que mais questiona sua sexualidade o maior objeto de sua devoção. Dana, inclusive, morre sem corrigir seus erros, que são apenas perdoados com base no carinho estabelecido entre elas.

Ao presenciar sua grande amiga Tina questionar a própria sexualidade e explorar os sentimentos que sente por homens, Alice se mostra contraditória ao repetidamente reafirmar que Tina “traiu” a comunidade *queer*. Diferente dela, que se relaciona com homens ao longo da série, no momento em que isso é feito por outra pessoa, é motivo de exclusão e interpretado como heterossexualidade. Reforço que Alice é a única personagem

autoidentificada bissexual a ocupar as telas de *The L Word* como personagem principal. Apesar de ser uma personagem ativa e atraente dentro da narrativa, parece perder-se em meio às suas contradições: tanto vítima como agente de discriminação dupla.

Ao longo do processo de análise, *The L Word* se mostrou um prato cheio para a pesquisa. Seja por meio da forma como apresenta a transgeneridade e a gravidez de um personagem transmasculino, ou nas dinâmicas de poder em classes sociais diferentes que também abrangem a comunidade *queer*. Através da heterossexualidade compulsória e suas artimanhas de reforço à norma, sendo mediante força física como Tim tenta explorar ao descobrir a infidelidade de Jenny com outra mulher, ou de crenças plantadas no imaginário de crianças que não veem a possibilidade de ser algo que não seja a norma.

Seria possível ainda investigar as gírias e termos presentes no vocabulário *queer*, especialmente entre as sáficas, e a forma que essa é utilizada como auxílio na construção de uma comunidade que se reconhece. Ou ainda como se traduz a identidade na moda, a exemplo de quando Tina, que sempre se veste de forma muito feminina, aparece utilizando camisa e gravata – itens de vestuário tipicamente masculinos – no momento em que começa a questionar sua sexualidade.

Há também a necessidade de explorar maior diversidade nos corpos do elenco, que reforçam um padrão de magreza e branquitude, bem como a sexualização deles, com cenas explícitas e num movimento central nas relações. Principalmente através das cenas envolvendo o comportamento bissexual de Tina, é inevitável que surjam alguns questionamentos em relação ao impacto dessa discriminação dupla: seria Tina mais uma mulher que passa por uma jornada de heterossexualidade compulsória até se compreender como lésbica, ou o comportamento de suas amigas, incluindo Alice, sua amiga orgulhosamente bissexual, influencia nessa decisão? Será que Tina opta por se autoidentificar como lésbica para que possa voltar a fazer parte do grupo que é considerado sua família e rede de apoio, ao invés da autodeclarada opção pelo lesbianismo como uma “identidade política”?

E por fim, algo que muito me deixou intrigada em meio a tudo isso: a articulação dos impactos da monogamia compulsória presentes na série. Especialmente no que tange à personagem Bette Porter quando, após estabelecer um padrão de mentiras e infidelidade nos relacionamentos, se vê incapaz de ter um relacionamento não monogâmico - apenas para traír outra companheira que aceita experimentar a monogamia com ela.

Na intenção de responder o problema e objetivos delimitados para a presente pesquisa, foram diversos os desafios ao longo do caminho. Não apenas no que diz respeito ao peso de um trabalho de conclusão de curso, mas ao enfrentar um tema que me é tão caro. A bissexualidade atravessa minha existência e, por vezes, foi doloroso enfrentar dados e cenas que tocam em tantas feridas. O caminho é longo. Em certos momentos, senti que levantei mais perguntas do que trouxe respostas.

Finalizo essa pesquisa, mas só por hora. Vejo que existe continuidade no tema, seja através de mim ou de outros cientistas sociais. Este é por essência um trabalho exploratório, pois o próprio campo de pesquisa também o é. O que busquei, através dessa pesquisa, é auxiliar a romper os estereótipos negativos sobre bissexualidade, pois, ainda existem muitas pessoas bissexuais que não conseguem alcançar a realização plena e ética da sua identidade, inclusive sexual. Torço para que essa pesquisa possa contribuir com mais um tijolinho dourado no caminho libertador ao Orgulho.

## REFERÊNCIAS

ANGELIDES, Steven. **A history of bisexuality**. Chicago: University of Chicago Press, 2001. Disponível em: [https://www.academia.edu/20273606/A\\_History\\_of\\_Bisexuality\\_Chicago\\_University\\_of\\_Chicago\\_Press\\_2001\\_introduction](https://www.academia.edu/20273606/A_History_of_Bisexuality_Chicago_University_of_Chicago_Press_2001_introduction). Acesso em: 19 mar. 2024.

\_\_\_\_\_, Steven. **Historicizing (bi)sexuality**. *Journal of Homosexuality*, v. 52, n. 1-2, p. 125-158, 2006. Disponível em: [http://dx.doi.org/10.1300/J082v52n01\\_06](http://dx.doi.org/10.1300/J082v52n01_06). Acesso em: 19 mar. 2024.

AVILA, Kael. **Quem jogou a primeira pedra em Stonewall**. Bisides, 8 jul. 2024. Disponível em: <https://www.bisides.com/post/quem-jogou-a-primeira-pedra-em-stonewall>. Acesso em: 9 ago. 2024.

BUTLER, Judith. **“Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do ‘sexo’”**. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 151-172.

CABECINHAS, Rosa; ÉVORA, Silvino. **Visões do Mundo e da Nação: jovens cabo-verdianos face à história**. In: MARTINS, M.; PINTO, M. (Orgs.). *Comunicação e cidadania*. Braga: Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação, 5., 2008. Actas [...]. Braga: SOPCOM, 2008. p. 2685-2706. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/9222>. Acesso em: 20 jul. 2024.

CANTARELLA, E.; Ó CUILLEANÁIN, C. **Bisexuality in the Ancient World**. 1992. In: SHAW, Julia. *Invisibilidade: cultura, ciência e a história secreta da bissexualidade*. São Paulo: Editora Cultrix, 2023.

Denzin, N.K. (2004a) **“Reading Film”**, in U. Flick, E.v. Kardorff and I. Steinke (eds), *A Companion to Qualitative Research*. London: SAGE. pp. 237-242.

DÄUMER, Elisabeth D. **Extract from Queer Ethics; or, the Challenge of Bisexuality to Lesbian Ethics** (1992). In: STORR, Merl (Org.). *Bisexuality: a critical reader*. Londres: Routledge, 1999. p. 118-130. Disponível em: [https://middleandring.neocities.org/documents/Bisexuality\\_A\\_Critical\\_Reader\\_Merl\\_Storr.pdf](https://middleandring.neocities.org/documents/Bisexuality_A_Critical_Reader_Merl_Storr.pdf). Acesso em: 14 mar. 2024.

FREIRE FILHO, João. **Força de expressão: construção, consumo e contestação das representações midiáticas das minorias**. *Revista Famecos: Mídia Cultura e Tecnologia*, Porto Alegre, n. 28, p. 18-29, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2005.28.3333>. Acesso em: 17 jul. 2024.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GARBER, Marjorie. **Extracts from Vice Versa: Bisexuality and the Eroticism of Everyday Life** (1995). In: STORR, Merl (Org.). **Bisexuality: a critical reader**. Londres: Routledge, 1999. p. 120-135. Disponível em: [https://middleandring.neocities.org/documents/Bisexuality\\_A\\_Critical\\_Reader\\_Merl\\_Storr.pdf](https://middleandring.neocities.org/documents/Bisexuality_A_Critical_Reader_Merl_Storr.pdf). Acesso em: 14 mar. 2024.

GLAAD. **Where We Are on TV Report – 2023-2024**. Disponível em: <https://glaad.org/whereweareontv23/summary-of-broadcast-findings/>. Acesso em: 18 jul. 2024.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

**GREY'S ANATOMY**. Criado por Shonda Rhimes. Intérpretes: Ellen Pompeo, Chandra Wilson, James Pickens Jr. 1ª Temporada, Episódio 1. Produtor: ShondaLand. Estados Unidos: ABC, 2005. Streaming.

HORTON, D.; WOHL, R. R. **Mass communication and para-social interaction: Observations on intimacy at a distance**. 1956. In: SHAW, Julia. **InvisiBilidade: cultura, ciência e a história secreta da bissexualidade**. São Paulo: Editora Cultrix, 2023.

**INSTINTO BÁSICO**. Direção de Paul Verhoeven. Produção de Alan Marshall, Sherry Lansing. [Estados Unidos]: TriStar Pictures, 1992.

JOHNSON, N. L.; GROVE, M. **Why Us? Toward an understanding of bisexual women's vulnerability for and negative consequences of sexual violence**. 2017. In: SHAW, Julia. **InvisiBilidade: cultura, ciência e a história secreta da bissexualidade**. São Paulo: Editora Cultrix, 2023.

**KILLING EVE**. Criado por Phoebe Waller-Bridge. [Reino Unido]: Sid Gentle Films, 2018-2022.

KRAFFT-EBING, Richard; CHADDock, C. G. **Psychopathia sexualis: With especial reference to contrary sexual instinct**. Philadelphia: F.A. Davis, 1893. Disponível em: <https://www.gutenberg.org/ebooks/64931>. Acesso em: 20 jul. 2024.

KURTZ, Adriana Schryver; THOMAS, Fabiana Marsiglia. **“B” invisível: Apagamento bissexual e bifobia na série televisiva Glee**. Revista Observatório, v. 7, n. 2, p. a12, 2021. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/12762>. Acesso em: 13 abr. 2024.

LA ROI, C.; MEYER, I. H.; FROST, D. M. **Differences in sexual identity dimensions between bisexual and other sexual minority individuals:**

**Implications for minority stress and mental health.** 2019. In: SHAW, Julia. Invisibilidade: cultura, ciência e a história secreta da bissexualidade. São Paulo: Editora Cultrix, 2023.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista.** 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

\_\_\_\_\_, Guacira Lopes. **Teoria Queer: uma Política Pós-identitária para a Educação.** Estudos Feministas, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 541-553, 2001.

MONACO, Helena. **Entre muros, pontes e fronteiras: teorias e epistemologias bissexuais.** Aceno – Revista de Antropologia do Centro-Oeste, v. 8, n. 16, p. 91-106, jan.-abr. 2021. ISSN: 2358-5587.

Disponível em:

<https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/aceno/article/view/11709/10019>. Acesso em: 14 jul. 2024.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo.** 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

**ORANGE IS THE NEW BLACK.** Criação de Jenji Kohan. [Estados Unidos]: Netflix, 2013-2019.

**OUTRO LADO DE HOLLYWOOD.** Direção de Paul Schrader. Produção de Sandy Schklair. [Estados Unidos]: Universal Pictures, 1995.

PEREIRA, Ariane; SOUZA, Maria; ALMEIDA, João; et al. **Mídia, cidadania, manifestações culturais e questões de gênero.** Guarapuava: Unicentro, 2010.

PENAFRIA, Manuela. **Análise de Filmes - conceitos e metodologia(s).** In: VI Congresso SOPCOM, 2009, Lisboa. Anais... Lisboa: SOPCOM, 2009. Disponível em: <https://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-penafria-analise.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2024

PRAMAGGIORE, Maria. **Extracts from Epistemologies of the Fence** (1996). In: STORR, Merl (Org.). **Bisexuality: a critical reader.** Londres: Routledge, 1999. p. 95-107. Disponível em: [https://middleandring.neocities.org/documents/Bisexuality\\_A\\_Critical\\_Reader\\_Merl\\_Storr.pdf](https://middleandring.neocities.org/documents/Bisexuality_A_Critical_Reader_Merl_Storr.pdf). Acesso em: 14 mar. 2024.

RICH, Adrienne. **Compulsory heterosexuality and lesbian existence.** Signs, v. 5, n. 4, p. 631-660, 1980. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/3173834>. Acesso em: 20 jul. 2024.

RHODES, Martha Robinson. **Bisexuality, multiple-gender-attraction, and gay liberation politics in the 1970s.** Twentieth Century British History, v. 32, n. 1, p. 119–142, mar. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/tcbh/hwaa018>. Acesso em: 20 jul. 2024.

ROSE, Gillian. **Visual methodologies: an introduction to researching with visual materials**. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Ed.). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Porto Alegre: Artmed, 2008. p. 15-28.

SHAW, Julia. **InvisiBilidade: cultura, ciência e a história secreta da bissexualidade**. São Paulo: Editora Cultrix, 2023.

SANCHEZ, Leonardo. **Onda de personagens LGBT na TV reflete poder de nova geração de espectadores**. Folha de S.Paulo, 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2020/06/pressao-por-mais-diversidade-escancara-choque-geracional-entre-autores-e-publico-na-tv.shtml>. Acesso em: 18 jul. 2024.

**SEX EDUCATION**. Criado por Laurie Nunn. Intérpretes: Asa Butterfield, Gillian Anderson, Ncuti Gatwa. 1ª Temporada, Episódio 1. Produtor: Eleven Film. Reino Unido: Netflix, 2019. Streaming.

SILVEIRA, Andielli. **O “B” não é pra bonito: uma análise das representações midiáticas da bissexualidade feminina em Orange Is the New Black**. 2019. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/211993?locale-attribute=es>. Acesso em: 13 abr. 2024.

STORR, Merl (Org.). **Bisexuality: a critical reader**. Londres: Routledge, 1999. Disponível em: [https://middleandring.neocities.org/documents/Bisexuality\\_A\\_Critical\\_Reader\\_Merl\\_Storr.pdf](https://middleandring.neocities.org/documents/Bisexuality_A_Critical_Reader_Merl_Storr.pdf). Acesso em: 14 mar. 2024.

STUMPF, Ida Regina C. **Pesquisa bibliográfica**. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.). Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. São Paulo: Atlas, 2005. p. 51-61.

**The 100**. Criado por Jason Rothenberg. Intérpretes: Eliza Taylor, Bob Morley, Marie Avgeropoulos. 1ª Temporada, Episódio 1. Produtor: Alloy Entertainment, CBS Television Studios, Warner Bros. Television. Estados Unidos: The CW, 2014. Streaming.

**The Good Place**. Criado por Michael Schur. Intérpretes: Kristen Bell, Ted Danson, William Jackson Harper. 1ª Temporada, Episódio 1. Produtor: Fremulon, 3 Arts Entertainment, Universal Television. Estados Unidos: NBC, 2016. Streaming.

**YOU ME HER**. Criado por John Scott Shepherd. Intérpretes: Greg Poehler, Rachel Blanchard, Priscilla Faia. 1ª Temporada, Episódio 1. Produtor: Entertainment One Television. Canadá: Audience Network, 2016. Streaming.



